



## INDICE

<b>EDITORIAL .....</b>	<b>3</b>
<b>MATÉRIA DE CAPA .....</b>	<b>4</b>
<i>Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade .....</i>	<i>4</i>
Programa .....	4
“ <i>A ausência da utopia desequilibra profundamente a lógica social</i> ” .....	9
Entrevista com Gilberto Dupas .....	9
“ <i>O decrescimento não é o crescimento negativo</i> ” .....	14
Entrevista com Serge Latouche .....	14
“ <i>É preciso desmistificar a idéia de que governos de esquerda são mais corretos ambientalmente</i> ” .....	16
Entrevista com Marcel Bursztyn .....	16
<i>A imperiosa criação e recriação dos códigos de entendimento do Universo.....</i>	<i>19</i>
Entrevista com Armando Lopes de Oliveira .....	19
“ <i>Não podemos ignorar nossas realizações cooperativas e seus heróis e heroínas</i> ” ...	20
Entrevista com Hazel Henderson .....	20
“ <i>Balduino Rambo foi um pioneiro no enfoque transdisciplinar</i> ” .....	22
Entrevista com Aldo Araújo .....	22
<i>Copenhagen: montagem paulista sobre questão nuclear no Simpósio Terra Habitável .....</i>	<i>23</i>
<i>Mirada ao passado para fazer uma terra habitável.....</i>	<i>24</i>

Por Attico Chassot.....	24
<i>Ato de Fé será exibido no Simpósio Terra Habitável</i> .....	26
<b>DESTAQUES DA SEMANA</b> .....	<b>27</b>
ANÁLISE DE CONJUNTURA .....	27
Governo e Congresso têm comportamento autista.....	27
Entrevista com Renato Lessa.....	27
ENTREVISTA DA SEMANA.....	29
“ <i>Católicos devem encolher</i> ”, diz sociólogo .....	29
Entrevista com Reginaldo Prandi.....	29
ARTIGO DA SEMANA .....	33
<i>O Deus de Einstein</i> .....	33
Por Marcelo Gleiser .....	33
LIVRO DA SEMANA.....	34
BROWN, Peter. <i>Santo Agostinho - Uma Biografia</i> . Rio de Janeiro: Record, 2005. 34	
<i>A vida íntima da fé</i> .....	34
Por Renato Janine Ribeiro .....	34
MEMÓRIA .....	37
Stanislas Breton, metafísico atípico e luminoso.....	37
DEU NOS JORNAIS .....	38
FRASES DA SEMANA.....	44
<b>EVENTOS IHU</b> .....	<b>45</b>
IHU IDÉIAS .....	45
Floresta com Araucária; riqueza faunística e ameaças ao bioma .....	45
HUMANITAS ARTE .....	46
III CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL.....	46
Rebeliões da Senzala: Quilombos, insurreições, guerrilhas .....	46
ENCONTROS DE ÉTICA.....	47
Pressa, depressa, depressão.....	47
HIV/AIDS .....	48
CADERNOS IHU .....	48
Agricultura familiar e trabalho assalariado.....	48
<b>IHU REPÓRTER</b> .....	<b>49</b>
CLÁUDIO SENNA VENZKE .....	49

## EDITORIAL

Nesta semana, a Unisinos acolhe pessoas vindas de todas as partes do Brasil e do exterior que vêm discutir a habitabilidade da Terra. São, entre outros, físicos, geólogos, biólogos, botânicos, astrofísicos, economistas, cientistas sociais, filósofos e teólogos, além de pessoas especializadas no direito. Muitos são professores, militantes do movimento social, popular e ambiental. Outros, ainda, atuam no movimento pastoral. Homens e mulheres, enfim, preocupados em aprimorar o conhecimento da complexidade desta nossa casa comum, que é a Terra, e poderem, desta maneira, atuar de maneira a garantir a sua habitabilidade. Também participa, é claro, a comunidade acadêmica da Unisinos

Há mais tempo, o boletim **IHU On-Line** busca contribuir com a reflexão sobre o tema central do **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**. Assim, publicamos dois números sobre a física quântica, neste centenário do annus mirabilis de Einstein. Neste Simpósio, um vídeo, um curso e várias oficinas, além da peça teatral Copenhague, discutem o legado de Einstein.

Na semana passada, dedicamos o tema de capa a Teilhard de Chardin, cientista e místico, cujo cinquentenário de morte celebramos neste evento. Um vídeo, um curso e várias oficinas e minicursos são dedicados à vida e à obra de Teilhard de Chardin no evento desta semana.

Também celebramos, com um vídeo e um curso, a vida e a obra do cientista gaúcho Balduino Rambo no centenário do seu nascimento. Jesuíta, ele foi um precursor do movimento ambientalista do Rio Grande do Sul. Sobre Rambo, versa a entrevista que realizamos nesta edição com o professor Dr. Aldo Araújo, do Instituto de Biociências da UFRGS.

Continuando a discussão do tema central do Simpósio, no boletim desta semana, entrevistamos Serge Latouche, economista francês, que proferirá a conferência Crescimento econômico e decrescimento. Os desafios da vida da Terra para a economia contemporânea, Marcel Burszty, professor na UnB, que ministrará o curso Desenvolvimento sustentável. Fundamentação teórico-prática e coordenará a oficina Desenvolvimento sustentável do Brasil. Limites e possibilidades e Hazel Henderson, que proferirá a conferência Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável. Limites e possibilidades. Também Gilberto Dupas, que fará a conferência de abertura, concedeu uma entrevista, na qual reflete, com muita pertinência, sobre o tema central do Simpósio.

Durante esta semana, todos nós, participantes do Simpósio, faremos um exercício teórico-prático dos limites e das possibilidades de pensar, de maneira transdisciplinar, os desafios que a habitabilidade da terra nos coloca na contemporaneidade.

Que todos, especialmente os que vieram de mais longe, se sintam muito bem acolhidos na nossa Unisinos. Que possamos juntos contribuir para que a Terra seja, cada vez mais, uma casa comum, onde todos os seres possam viver bem e seguros.

A todos e todas uma ótima leitura e uma excelente semana!

[\(Voltar ao índice\)](#)

## MATÉRIA DE CAPA

### SIMPÓSIO INTERNACIONAL TERRA HABITÁVEL: UM DESAFIO PARA A HUMANIDADE

Inicia hoje e vai até a próxima quinta-feira, dia 19 de maio, o **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, promovido pela Unisinos, por meio do Instituto Humanitas Unisinos. O evento discute as condições de habitabilidade do planeta Terra, celebrando o cinquentenário da morte de Teilhard de Chardin, o centenário de nascimento do padre Balduino Rambo, e o centenário do ano miraculoso de Albert Einstein. Além das grandes conferências, o simpósio terá uma intensa e fascinante programação de oficinas e minicursos. O objetivo geral do evento é discutir alternativas de habitabilidade do planeta Terra, sob uma visão transdisciplinar da economia, da física, da biologia, da ecologia, do direito, da filosofia e da teologia. E os objetivos específicos são: descrever os desafios que o ecossistema global representa para o pensamento econômico e social contemporâneo; refletir sobre a teoria da complexidade que, nos últimos cem anos, emergiu das ciências físicas; analisar a possibilidade de uma ética universal que privilegie a relação do ser humano com o planeta Terra; apontar os limites e as possibilidades do desenvolvimento sustentável; aprofundar a reflexão sobre os questionamentos que emergem de uma abordagem multidisciplinar do planeta Terra para as ciências da vida e do social; refletir ecoteologicamente sobre a contribuição que as grandes religiões da humanidade podem dar para uma epistemologia e antropologia da complexidade. O Simpósio Internacional é uma promoção do IHU e dos PPGs em Biologia, em Ciências Sociais Aplicadas, em Direito, em Educação, em Filosofia e em Geologia da Unisinos, com a colaboração do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores (CEPAT); Centro de Investigação e Ação Social/Instituto Brasileiro do Desenvolvimento (CIAS/IBRADES); Centro de Espiritualidade Cristo Rei (CECREI); Centro Loyola de Fé e Cultura da PUC-Rio; Centro Universitário da FEI (UNIFEI); Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); Universidade Católica de Pelotas (UCPel); Caixa Econômica Federal (CEF); Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Instituto Santo Inácio/Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (ISI/CES); e Prefeitura Municipal de São Leopoldo.

Confira, a seguir, a programação completa do evento.

### PROGRAMA

#### **16 de maio – Segunda-feira**

**14h30min** – Credenciamento

**17h** – Abertura: Orquestra Unisinos

**17h40min** – Exibição de vídeo

**18h** – Terra habitável: um desafio para a humanidade. *Conferencista:* Prof. Dr. Gilberto Dupas – USP

*Coordenadora de mesa:* Profa. MS Vera Regina Schmitz

**Das 19h30min às 20h30min** – Debate

**Das 20h30min às 22h15min** – Confraternização

**17 de maio – Terça-feira****8h45min** - Exibição de vídeo sobre Einstein**9h** - A vida do cosmos: auto-organização e caos. *Conferencista:* Prof. Dr. Günter Küppers – Universidade de Bielefeld – Alemanha**10h30min** – Intervalo**10h45min** - O impacto humano sobre a vida na Terra. *Conferencista:* Prof. Dr. Thomas Michael Lewinsohn – UNICAMP*Coordenador de mesa:* Profa. Dra. Gislene Maria da Silva Ganade**Das 12h às 13h** – Debate com os dois conferencistas**Oficinas – 14h30min às 16h30min:****3003 – A dimensão espiritual da realidade do cosmos. Uma leitura a partir de Einstein e Teilhard de Chardin** – Prof. Dr. Paul Alexander Schweitzer (PUC-Rio) – sala 1C107**3004 – A relatividade, a física das partículas e as origens do Universo** – Prof. Dr. Mario Novello (CBPF/RJ) – Sala 1C108**3013 – Energia nuclear, desenvolvimento e meio ambiente** – Prof. MS Neilton Fidélis da Silva (UFRJ) – Sala 1C109**3022 – A física no século XX** – Prof. Dr. Antonio Augusto Passos Videira (UERJ) – Sala 1C110**3026 – A estrutura do universo e os seus códigos físicos** – Prof. Dr. Armando Lopes de Oliveira (UFMG) – Sala 1C103**3027 – Os fundamentos cosmológicos de uma ecofilosofia em Teilhard de Chardin** - Prof. Dr. Witold Skwara (UFPE) – Sala 1G119**Minicursos – 14h30min às 16h30min:****3064 - Lixo, ambiente e inclusão: uma abordagem bioética** - Prof.<sup>a</sup> MS Anamaria Souza Arruda, Prof.<sup>a</sup> MS Debora Lemos Maldi Maia, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Katia Karina Verolli de O. Moura e Prof. MS Lorenzo Lago (UCG) – Sala 1H 100**3068 - Educação, conhecimento, ética e cotidiano: problematizando a dramaticidade de uma sobrevivência humana da humanidade** - Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cleoni Maria Barboza Fernandes e Prof. MS Marcelo Antônio Fernandes (UFRGS) – Sala 1H101**3069 - Epistemologia ambiental** - Dr. Geraldo Mario Rohde (CIENTE/RS) – Sala 1H102**3070 - As diferentes formas de perceber o mundo através do poder geopolítico da cartografia** - Prof.<sup>a</sup> MS Roselane Zordan Costella (PUCRS) – Sala 1H104**3071 - A educação do olhar** - Prof.<sup>a</sup> MS Maria Rosicler Ferretto Barbosa (Unisinos) – Sala 1H105**3072 - Educação ambiental para o consumo responsável** - Prof.<sup>a</sup> MS Maria Aparecida de Oliveira Hinsching (Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR) – Sala 1H106**3073 - Ética e desenvolvimento sustentável** - Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Alice Vilas Boas (UFRRJ) – Sala 1H107**3074 - Contribuições das religiões na busca de saídas para a problemática ecológica** - Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cleusa Maria Andreatta (Unisinos) – Sala 1H100**3076 - Psicanálise e Teologia: uma economia possível** - Prof. Dr. Mario Fleig (Unisinos) – Sala 1H101

**3077 - Elementos para uma espiritualidade socioambiental libertadora** - Prof. Dr. Afonso Tadeu Murad (Centro de Estudos Superiores Companhia de Jesus/CA) – Sala 11 102

**3190 - Organização e desenvolvimento comunitário: uma experiência amazônica disseminada** - Cristian Berterretche Curti (Associação Comunitária Ambientalista, Espiritualista Patriarca São José/SC) – Sala 11103

**Cursos – 16h45min às 17h45min (com duração de 3 dias):**

**3124 - O caos dedilhado em planilhas Excel** - Prof. Dr. Armando Lopes de Oliveira (UFMG) - Auditório Centro 4

**3125 - A vida e a obra científica de Balduino Rambo** - Prof. Dr. Aldo Mellender de Araújo (UFRGS) - Auditório Maurício Berni

**3126 - Obra de Teilhard de Chardin** – Prof. Dr. Pedro Magalhães Guimarães Ferreira (PUC-Rio) – Sala 5C005

**3127 - Desenvolvimento Sustentável. Fundamentação teórico-prática** - Prof. Dr. Marcel Bursztyn (UnB) – Sala 5D005

**3128 - Ecologia e Mística** - Prof. MS Carlos James dos Santos (CIAS/IBRADES) - Miniauditório da Biblioteca

**Das 18h às 20h30min** – Sempre às terças – Peça teatral Copenhagen – Núcleo Arte Ciência no Palco da Cooperativa Paulista de Teatro.

**18 de maio – Quarta-feira**

**8h45min** - Exibição de vídeo sobre Balduino Rambo

**9h** - Crescimento econômico e decrescimento. Os desafios da vida da Terra para a economia contemporânea. *Conferencista:* Prof. Dr. Serge Latouche – Université Paris-Sud

Coordenador de mesa: Prof.<sup>a</sup> Dr. Fernando Althoff

10h30min – Intervalo

**Das 10h45min às 12h30min** – Debate

**Das 13h45min às 14h30min** – Apresentação de Projetos Sociais – Local: Instituto Humanitas Unisinos (IHU)

**Oficinas – 14h30min às 16h30min:**

**3028 - Desenvolvimento sustentável do Brasil. Limites e possibilidades** - Prof. Dr. Marcel Bursztyn (UnB) – Sala 1C107

**3030 - Estratégias das organizações e complexidade** - Prof. Dr. Luiz Paulo Bignetti (Unisinos) – Sala 1C108

**3033 - A vida de Einstein: episódios marcantes** - Prof. Dr. Carlos Alberto dos Santos (UFRGS) – Sala 1C109

**3041 - Água no século XXI** – Prof. Dr. Leonardo Maltchik (Unisinos) – Sala 1C111

**3116 - Certificação ISO 14001 da Unisinos: Implantação e manutenção** - Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Paulo Gomes (Unisinos) – Sala 1G119

**Minicursos:**

- 3078 - Teilhard de Chardin: uma leitura pós-moderna do cosmos?** - Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori (Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus/BA) – Sala 1H100
- 3084 - Ética para a natureza e ética naturalizada** - Prof. Dr. Adriano Naves de Brito (Unisinos) – Sala 1H101
- 3085 - Propaganda e imagens da terra produzindo discursos éticos e curriculares** - Prof.ª Dr.ª Cecília Irene Osowski e MS Rosa Maria Serra Bavaresco (Unisinos) – Sala 1H102
- 3087 - Princípios básicos para o reconhecimento de problemas ambientais** - Prof. MS Paulo Fernando de Almeida Saul (Unisinos) – Sala 1H104
- 3088 - Como o planeta terra se tornou habitável** - Prof. Dr. Luiz Henrique Ronchi (Unisinos) – Sala 1H105
- 3090 - Educação universitária para um futuro sustentável** - Prof. Dr. Theodor Agostinho Peters Filho e Prof. Dr. Ailton Pinto Alves Filho (UNIFEI) – Sala 1H106
- 3094 - Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A Teologia ecológica de Jürgen Moltmann** – Prof. Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves (PUC Campinas) – Sala 1H107
- 3097 - A terra artificial: invólucros ecológicos sociais** - Prof.ª Dr.ª Ana Luisa Viatti Bitencourt e Prof.ª MS Olga Collinet Heredia (Unisinos) – Sala 11100
- 3098 - Produção e Consumo Sustentáveis** - Prof.ª MS Monique Revillion Dinato e Prof. Dr. Luís Felipe Nascimento (UFRGS) – Sala 11101
- 3099 - Conservação de biomas naturais, biodiversidade da herpetofauna associada e sua relação com o desenvolvimento humano** – Prof.ª Dr.ª Clarice Hofstadler Deiques (Unisinos) – Sala 11102
- 3119 – Modos de vida (rurais) sustentáveis: uma ferramenta de análise/intervenção?** - Prof. Dr. Lúcio André de Oliveira Fernandes (UCPel) – Sala 11103

**Das 20h às 21h30min** - Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável. Limites e possibilidades. *Conferencista:* Dr.ª Hazel Henderson – Flórida/EUA

*Coordenador de Mesa:* Prof. Dr. Andre Filipe Zago de Azevedo

**Das 21h30min às 22h15min** – Debate

### **19 de maio – quinta-feira**

**8h45min** - Exibição de vídeo sobre Teilhard de Chardin

**9h** - A Terra e a humanidade. Uma visão desde a teoria dos sistemas. Limites e possibilidades.

*Conferencista:* Prof.ª Dr.ª Karen Gloy – Universität Luzern – Suíça

**10h30min** – intervalo

**Das 10h45min às 11h45min** - Evolução, auto-organização, caos: uma visão filosófica

*Conferencista:* Prof. Dr. Carlos Roberto Velho Cirne Lima – Unisinos

*Coordenador de mesa:* Prof. Dr. Inácio Neutzling

**Das 11h45min às 13h** – Debate com os dois conferencistas

**Das 13h45min às 14h30min** – Visita ao Câmpus

### **Oficinas - 14h30min às 16h30min:**

**3189 - Teoria dos sistemas e direito** - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha (Unisinos) – Sala 1C107

**3052 - Ecoética, direitos humanos e patrimônio comum da humanidade** - Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto (Unisinos) – Sala 1C108

**3054 - Reflexões sobre os limites e possibilidades de sustentabilidade ecológica** - Prof. MS Demétrio Guadagnin (Unisinos) – Sala 1C109

**3055 - Encontros de saberes a agroecologia refazendo o modo camponês de estar no mundo** – José Maria Tardin (PR) – Sala 1C110

**3060 - Os fundamentos antropológicos de uma ecofilosofia em Teilhard de Chardin** - Prof. Dr. Witold Skwara (UFPE) – Sala 1C111

**3118 - Comunicação e meio ambiente: uma discussão necessária** - Prof.<sup>a</sup> MS Neusa Maria Bongiovanni Ribeiro (Unisinos) – Sala 1C103

#### Minicursos:

**3100 - Biodiversidade & biotecnologia: potenciais e estratégias para o desenvolvimento sustentável no Brasil** - Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Annette Droste (Unisinos) – Sala 1H100

**3102 - Pazeando enquanto [tr]amamos outras linguagens** - Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edla Eggert (Unisinos) – Sala 1H101

**3105 - Práticas ambientais em empresas brasileiras** - Prof. MS Cláudio Senna Venzke e Prof. MS Gilberto Antonio Faggion (Unisinos) – Sala 1H102

**3106 - Paisagem e memória de migrantes rurais e a recriação identitária** - Prof.<sup>a</sup> MS Inês Caroline Reichert (FEEVALE) – Sala 1H103

**3108 - Biointegridade de ambientes aquáticos e o controle de simúlideos** - Prof. Dr. Milton Norberto Strieder (Unisinos) – Sala 1H104

**3109 - Literatura e teologia: Teilhard de Chardin, SaintExupéry e a Terra dos Homens** - Prof. Dr. Waldecy Tenório (PUCSP) – Sala 1H105

**3110 - Economia solar: da ciência à política** - Prof. Dr. Antônio Libório Philomena (FURG) – Sala 1H106

**3111 - Meio ambiente e consumo sustentável: o papel do código de defesa do consumidor na concretização da cidadania** - Prof.<sup>a</sup> Esp. Cátia Rejane Liczbinski Sarreta (UPF) – Sala 1H107

**3112 - Questões de Ética Ambiental** - Prof. Dr. José Nedel (Unisinos) – Sala 11100

**3114 - Educar para a sensibilidade ecológica: uma tarefa urgente para o Ensino Religioso na escola** - Prof. Dr. Remi Klein (Unisinos) – Sala 11101

**3139 - A contribuição de Teilhard de Chardin para uma relação responsável com a terra** - Prof. Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior (UFRN) – Sala 11102

**Das 18h30min às 19h15min** – Apresentação do Vídeo *Ato de Fé*. Direção: Alexandre Rampazzo – Produção: Tatiana Polastri.

**Das 20h às 22h15min** - Terra habitável. Um desafio para a teologia e a espiritualidade cristã. *Conferencista:* Prof. Dr. Jacques Arnould – Centre National d'Études Spatiales – Paris  
*Coordenadora de mesa:* Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Hiliana Reis

[\(Voltar ao índice\)](#)

## “A AUSÊNCIA DA UTOPIA DESEQUILIBRA PROFUNDAMENTE A LÓGICA SOCIAL”

### Entrevista com Gilberto Dupas

*Gilberto Dupas é o coordenador geral do Grupo de Conjuntura Internacional (Gacint) da Universidade de São Paulo (USP), presidente do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI). É membro da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES) do Ministério da Educação e Cultura do Brasil, do Conselho Superior de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e co-editor da **Revista Política Externa**. Foi membro do Conselho Deliberativo do Instituto de Estudos Avançados da USP e do Conselho do Centro Brasileiro de Planejamento (CEBRAP), professor de várias universidades brasileiras nas áreas de Política Econômica e Planejamento Estratégico, membro do Conselho Diretor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e de seu Comitê de Planejamento Estratégico e professor no European Institute of Business Administration - Insead (França). Foi secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo e presidente da Caixa Econômica do mesmo estado. Foi, também, presidente e conselheiro de fundações, empresas públicas e privadas. É autor de vários livros nas áreas de Economia, Globalização e Desenvolvimento, entre eles: **Economia Global e Exclusão Social**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. **Ética e Poder na Sociedade da Informação**. São Paulo: Unesp, 2000. **Hegemonia, Estado e Governabilidade**. São Paulo: Ed. Senac, 2002. **Tensões Contemporâneas entre o Público e o Privado**. São Paulo: Paz & Terra, 2003. **Renda, Consumo e Crescimento**. São Paulo: PubliFolha, 2004 e **Atores e Poderes na Nova Ordem Global**. São Paulo: Unesp, 2005. Foi autor, por solicitação do Ministério das Relações Exteriores do Brasil do documento *A nova lógica global e o impasse da América Latina*, que serviu de referência para o Grupo de Reflexão de Alto Nível encarregado pelo G-20 de preparar as recomendações ao Encontro dos Presidentes da América Latina em outubro de 2004. Ele foi entrevistado, por telefone, pelo **IHU On-Line**.*

#### **IHU On-Line – Quais são os principais desafios para conseguirmos viver em uma “terra habitável”?**

**Gilberto Dupas** – A questão central que hoje atinge a sociedade global é que os rumos do avanço tecnológico desencadearam uma corrida autônoma da tecnologia. Ela, que teoricamente deveria estar a serviço do homem, em última análise está a serviço de si mesma, ou melhor, a serviço da lógica das grandes corporações. A consequência disso é que as decisões de natureza tecnológica que levam a criação ou a definição de produtos de processos de produção, por exemplo, levam em consideração unicamente o custo dos fatores de produção e a forma de maximizar as margens de lucro do capital. A consequência disso é que nós assistimos a avanços tecnológicos fantásticos mas, ao mesmo tempo, um crescimento imenso da poluição ambiental, da destruição do meio ambiente, da pobreza e da concentração de renda, tornando a atmosfera do mundo irrespirável nos grandes centros, causando o aquecimento global, colocando uma interrogação muito grande, que nos faz ressuscitar alguns princípios de Kant<sup>1</sup>, agora reelaborados por Hans Jonas<sup>2</sup>, a respeito do compromisso moral que a atual geração tem de garantir que a terra seja habitável no futuro. Não se fala mais de avanço, fala-se em garantias mínimas de que as outras gerações continuem tendo a chance de existir em um mundo habitável. Este rebaixamento de operações globais acontece simultaneamente a uma imensa sofisticação dos produtos e das tecnologias que, se de um lado faz o homem ser capaz de cruzar o espaço e de incorporar em um *chip* uma capacidade de

<sup>1</sup> Emmanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão, em geral considerado o pensador mais influente dos tempos modernos. Ao referido filósofo **IHU On-Line** dedicou sua 93ª edição, de 22-03-2004. Também sobre Kant será a 2ª edição de **Cadernos IHU em formação**, cujo lançamento ocorrerá ainda neste mês (Nota do **IHU On-Line**).

<sup>2</sup> Hans Jonas (1902-1993), filósofo alemão, naturalizado norte-americano. Foi um dos primeiros pensadores a refletir sobre as novas abordagens éticas do progresso tecnocientífico (Nota do **IHU On-Line**).

memória inigualável, do outro lado, ameaça e coloca em questão a própria sobrevivência da espécie humana.

**Bem comum é estarmos todos conectados pelo celular. É uma questão de natureza puramente corporativa**

***IHU On-Line* - Esse rebaixamento das aspirações nos deixa muito distante da utopia de um bem comum mundial?**

**Gilberto Dupas** – Na realidade, a estrutura das lógicas públicas sempre se desenvolveu, durante vários séculos, a partir do pressuposto de que o bem comum significava a aspiração de uma melhora para todos, e daí vinham os conceitos incorporados nas cartas constitucionais de vários dos estados ocidentais, para os quais a responsabilidade dos governos, por exemplo, seria a de atingir o pleno emprego. Hoje valores humanos, tais como renda, emprego, saúde, etc. estão em segundo nível. A discussão global se dá sobre a taxa de juros, a desvalorização do dólar, o déficit americano... A discussão de caráter econômico e microeconômico dominou o mundo. A própria Europa, poderá ter seus padrões rebaixados, se continuar pagando ao trabalhador europeu as aposentadorias pactuadas e mantendo o nível de reciprocidade social que o Estado garante, o que a torna não-competitiva. Então o único caminho que sobra para a Europa é fazer dos países do Leste uma espécie de China européia, o que lhe permitirá fabricar peças e componentes mais baratos, empregando os trabalhadores daqueles países enquanto utiliza este instrumento para fazer pressão sobre os trabalhadores do Oeste, diminuindo as suas conquistas sociais. Na realidade, o chamado bem comum foi transformado num parâmetro comercial. Bem comum é estarmos todos conectados pelo celular, ou é uma questão de natureza puramente corporativa. Ou, então, será uma exigência para este novo tipo de “bem comum” que todos tenham uma tela de plasma para não serem infelizes. Entretanto, se analisarmos, de maneira rigorosa e crítica, veremos que a tela de plasma nada mais é do que uma tela comum de televisão com menos profundidade e que custa aproximadamente quinze vezes mais e que é preciso ser produzida, porque ela força a obsolescência rápida do produto anterior e mantém a lógica capitalista em funcionamento. Então, o conceito de bem comum mudou. Não se fala mais na preocupação com o bem comum como um compromisso global e concreto de diminuição da miséria, da pobreza ou, por exemplo, de diminuição da poluição ambiental. Estas questões são mencionadas enquanto se enfoca o princípio da lógica do mercado, da lógica do sistema como sendo o princípio universal. Portanto, teoricamente, aquilo que se chama de bem comum, o bem comum sendo um conceito fundamentalmente público, ele foi substituído por um conceito privado. O bem comum hoje quase significa o bem das grandes corporações.

***IHU On-Line* - Mas o mundo não foi sempre uma grande corporação, e esses conceitos não estiveram sempre em conflito?**

**Gilberto Dupas** – Eu diria que, pelo menos na retórica, as coisas mudaram, pelo menos em relação às retóricas que vigoravam durante o século passado e o século retrasado. Elas incorporavam o conceito de bem comum de maneira bastante evidente enquanto as retóricas atuais substituíram, de certa forma, o conceito de bem comum pelo conceito de supremacia do mercado. Presumiu-se que, com esta premissa, se conseguiria atingir um bem comum. Quando, durante a década de 1980, se propagavam, com grande ênfase, as teses neoliberais a respeito do mercado, um pouquinho antes da queda do muro de Berlim, um intelectual de

importância e de qualidade como Peter Drucker<sup>3</sup>, nos Estados Unidos, enunciava que os Estados poderiam se retirar, porque não haveria mais necessidade deles. O bem comum seria defendido pelas corporações mundiais e como a elas interessava trabalhadores, bem pagos, bem nutridos, bem dormidos, bem morados, etc., as grandes corporações se encarregariam de providenciar a casa dos seus empregados, uma renda adequada, os seus planos de saúde, etc. Quanto aos Estados, dizia Peter Drucker, eram intrinsecamente desnecessários, seria melhor que se afastassem totalmente, porque eles passavam a ser inúteis. Essa era uma utopia que recolocava o bem comum numa dimensão nova. Vigorou intensamente durante vinte anos e agora está em cheque porque não deu os resultados esperados.

**IHU On-Line – O neoliberalismo continua atribuindo tarefas mínimas ao Estado, mas os movimentos sociais também refutam determinadas estruturas estatais. Nesse cenário, quais passam a ser as responsabilidades do Estado?**

**Gilberto Dupas** – Nós temos um fenômeno importante que é o seguinte: o capitalismo global destes últimos trinta anos reposicionou a força dos atores globais. O ator global, o representante da grande corporação, passou a ter uma importância muito maior. Há corporações mundiais com um faturamento semelhante ao PIB brasileiro. Ao mesmo tempo, se o capitalismo das décadas de 1950 e 1960 nos EUA foi capaz de gerar uma pungente classe média, produzida pela lógica fordista, uma classe média bem remunerada, daqueles subúrbios prósperos americanos que garantiam a estrutura alta de consumo, hoje o símbolo do capitalismo global não é mais a GM ou a Ford que, aliás, estão em profunda decadência. Hoje o símbolo é a Wal-Mart, que é a maior empresa do mundo atual e que fatura praticamente metade do PIB brasileiro. Tem 200 e tantos mil empregados. O salário anual médio desses empregados é de 19 mil dólares enquanto a linha de pobreza, naquele país, é de 18 mil dólares. Então, temos essas mudanças associadas a trabalhadores muito mal remunerados, enquanto se desenvolve uma altíssima tecnologia. Basicamente as grandes corporações evoluíram, têm poder imenso e definem os paradigmas dos novos mercados de trabalho. Definem onde se vai produzir, o que se vai produzir, como se vai produzir, etc. Por outro lado, os Estados nacionais entraram em crise, porque foram a eles determinados orçamentos inflexíveis, que os impedem de adotar práticas keynesianas que vigoraram durante, praticamente, toda a metade do século passado e que atenuaram os componentes mais duros do capitalismo. Hoje, estes estados não podem fazer isso, porque estão comprometidos com um orçamento muito rígido. Basicamente, os governos de todos os países do mundo estão, rigidamente, amarrados a algumas normas internacionais, regidas fundamentalmente pelo Fundo Monetário Internacional, que parte da idéia de que é preciso operar com o superávit fiscal ou, no mínimo, com o equilíbrio fiscal. A maioria destes estados pobres, ou dos chamados países da periferia, tem demandas sociais tão intensas que se eles fossem atendê-las minimamente operariam no prejuízo. Eles são obrigados, evidentemente, a restringir os programas de saúde, de educação, de investimentos, etc., a níveis compatíveis com a arrecadação. Isso é muito complicado no caso do Brasil, por exemplo, quando o nível interno das taxas de juros é tal que o governo gasta uma parte importante da arrecadação apenas para pagar os juros da dívida interna. Os estados se enfraqueceram e as demandas sociais decorrentes do aumento da pobreza e da miséria não encontram mais nele um aparato que tenha o mínimo de eficiência para atendê-las. É o que a gente vê claramente em países como o Brasil. A sociedade civil ficou órfã desse apoio, mesmo que fosse paternalista, e depois ficou

---

<sup>3</sup> Pensador, teórico e “guru” da área da administração moderna. Nasceu em Viena, em 1909, mas vive nos Estados Unidos há mais de 60 anos. Escreveu mais de 30 livros (Nota do *IHU On-Line*).

órfã da fantasia de que as grandes corporações resolveriam os seus problemas sociais. Nesse período, surgiram movimentos sociais de várias naturezas, que buscaram defender demandas específicas e particulares, pressionando os estados e a sociedade.

### **A somatória da demanda das ONGs não é igual à somatória das necessidades da sociedade**

#### ***IHU On-Line – Nesses movimentos sociais estão inseridas as ONGs...***

**Gilberto Dupas** – Sim. Houve essa reação da sociedade, mas também houve uma reação particularista, a somatória da demanda das ONGs não é igual à somatória da demanda das necessidades de uma sociedade. Então volta a existir a necessidade de arbitragem, alguém que decida quais demandas devem ser atendidas ou não e, portanto, volta a necessidade imperiosa de um estado, de um governo legitimado por uma democracia que seja operante. Por outro lado, este espaço que a sociedade exigiu também se contaminou muito por corporações travestidas de interesse público, mas que, na realidade, abriga interesses privados de corporações, que financiam várias atividades, etc. Fica cada vez mais difícil hoje definir estas áreas, uma vez que toda ONG precisa de recursos financeiros que, muitas vezes, não vêm dos seus próprios sócios, e isso fez com que a sociedade civil se tornasse mais complexa, mais fragmentada em suas demandas, mas nem assim resolveu-se melhor a demanda da sociedade em geral.

#### ***IHU On-Line - Quais são os atores sociais sobre os quais recai a responsabilidade de transformar o mundo em uma “terra habitável”?***

**Gilberto Dupas** – Depende do ponto de vista. Na realidade, os atores sociais, como um todo, são a própria sociedade civil. A sociedade hoje é uma sociedade de um lado fragmentada; de outro lado, uma sociedade em que a concentração de renda avança progressivamente. Portanto, uma sociedade que ao invés de ter classes como Marx as concebeu, passou a ter duas categorias centrais: o chamado incluído e o chamado excluído. E a classe média, que fazia, em última análise, o meio termo e o equilíbrio dessa equação está progressivamente apertada, desaparecendo. Este “colchão” de proteção entre uma classe de excluídos e uma classe de incluídos, na pirâmide de concentração de renda está diminuindo. Isso torna os conflitos muito mais duros por um lado, muito mais sem mediação. Por outro lado, reforça a retórica dos governos. Então o que acontece? Veja-se a atual situação do governo Lula: ele tem um bom discurso externo, um discurso internacional interessante, em que se aproveita do fato de ser visto lá fora como um líder popular que é, que anuncia, que é capaz de conciliar ortodoxia fiscal e monetária com o crescimento econômico e resgate do social, isto é, tudo que os líderes internacionais gostariam de ouvir. Mas, ao mesmo tempo, internamente, o governo Lula tem uma enorme dificuldade na questão social, uma dificuldade de ir além da retórica, porque o orçamento é escasso, porque as dificuldades administrativas são imensas... Então as ações concretas se esvaziam.

#### ***IHU On-Line - Quais são as perspectivas, no Brasil, dessa luta por uma terra habitável? Pode-se dizer que a sociedade brasileira está se apropriando dessa luta, apesar das limitações que o senhor assinala?***

**Gilberto Dupas** – Devemos considerar alguns níveis de abordagem nesta questão. Temos o nível duro da sobrevivência. Aí há uma luta diária pela sobrevivência que significa, em última análise, a invenção do próprio trabalho. Hoje temos basicamente 50% do mercado de trabalho na informalidade em toda a América Latina e uma boa parte desta informalidade é aquele sujeito que inventa o seu próprio trabalho, vende bolinhos na porta da repartição, limpa vidro de

carro, vende chicletes no farol de trânsito. Então este grupo importante da sociedade está tão preocupado com a própria sobrevivência que, dificilmente, tem espaço para refletir sobre a questão da política. Chega em casa tão cansado, exausto mesmo, que, na realidade, se satisfaz e até gosta de mesmo é do “plim-plim” da Globo e trata de dormir um pouco para a labuta do dia seguinte. Este é o grupo daqueles que tentam sobreviver, é um grupo crescente, mas que, em determinados momentos, pode ter ações sociais e políticas relevantes. É o caso do Movimento dos Sem Terra. Na realidade, toda vez que o Presidente Lula põe e tira o bonezinho dos Sem Terra, ele está, em última análise, tentando lidar com um movimento grande, importante, que abrange todos os tipos de excluídos, até oportunistas, mas que permite o mínimo de regularização, permite o mínimo de interlocução com a autoridade estabelecida. Se este movimento não existisse, onde estaria este pessoal? Provavelmente nas ruas ou em atividades criminais. Então eu diria que a organização do Movimento dos Sem Terra é um expediente de natureza institucional que abriga várias categorias do que nós chamamos de excluídos, mas que permite um equilíbrio e um mínimo de institucionalização de demandas que, de outras formas, poderiam estar rodando num sistema marginal ou independente do Estado, como acontece já em vários países da América Latina como a Colômbia. Por outro lado, a consciência sobre os problemas sociais está sempre muito mais ligada à intelectualidade, às classes médias. Elas estão pressionadas e dependem de uma reflexão sobre que alternativa teríamos para este modelo que está aí. Neste momento, esta reflexão é muito difícil, porque o fato concreto é que o capitalismo global definiu as suas regras, que são duras, muitas vezes, são perversas. E temos que jogar nelas pela única razão de que não temos, no momento, uma alternativa disponível, e esta é a grande angústia deste o início de século XXI. A queda do muro foi importante, porque significou o fim do regime que muitos, com muita razão, acusavam de ter se transformado em um regime meramente autoritário. Em compensação, nada ficou no lugar da utopia e tudo virou mercado, e tudo virou a lógica global. A ausência da utopia hoje é uma questão que desequilibra profundamente a lógica social.

#### ***IHU On-Line - Neste mundo corporativo, há um papel social do consumidor?***

**Gilberto Dupas** – Teoricamente sim. Teoricamente o consumidor poderia, um dia, se transformar naquilo que nós chamamos de um consumidor consciente, aquele que, com sua decisão de comprar, poderia transformar a sua ação de compra num veto ou num voto para a política de uma grande corporação. Então seria o consumidor politicamente correto e que poderia, por si só, eventualmente, fazer uma grande revolução, dado que as grandes revoluções necessitam de uma legitimação social, que elas não conseguem dar a si mesmas, porque estas corporações quanto mais se concentram mais são acusadas de agredir o meio ambiente, de diminuir a competição, etc. Por outro lado, este consumidor consciente, ainda está longe de exercer este poder não só na Europa, mas também aqui, porque, em última análise, exercer o poder para consumir um produto politicamente correto pode significar pagar um pouco mais por este produto. Na maioria das vezes, este consumidor, especialmente o das classes baixas, das classes de rendas inferiores, dificilmente poderia comprar um produto um pouco mais caro para agir politicamente correto. Isso é uma limitação. O consumidor consciente poderia ser, no futuro, um fator evidente de importância na luta política e na luta pelos valores sociais, mas por enquanto isso ainda é uma utopia.

[\(Voltar ao índice\)](#)

---

**“O DECRESCIMENTO NÃO É O CRESCIMENTO NEGATIVO”****Entrevista com Serge Latouche**

*Defensor do decrescimento, o economista, sociólogo e antropólogo Serge Latouche, é um dos entrevistados da presente edição. S. Latouche é professor na Universidade de Paris-Sul e presidente da Associação Linha do Horizonte. É autor de **Les Dangers du marché planétaire** (Os perigos do mercado planetário). Paris: Editora Presses de Sciences, 1998; **La déraison de la raison économique**. Paris: Albin Michel, 2001; **La pensée créative contre l'économie de l'absurde**. Paris: Parangon, 2003; **Justice sans limites - Le défi de l'éthique dans une économie mondialisée** (Justiça sem limites. O desafio da ética numa economia globalizada), Paris: Fayard, 2003; e **La pensée créative contre l'économie de l'absurde** (O pensamento criativo contra a economia do absurdo), Paris: Parangon, 2003. Latouche publicou no Brasil **A Ocidentalização do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1994. Serge Latouche foi entrevistado por e-mail. Dele, **IHU On-Line** publicou outra entrevista, denominada “O desenvolvimento é insustentável”, em sua 100ª edição, de 10-05-2004. Para esta edição, Serge Latouche foi entrevistado por e-mail.*

**IHU On-Line - Quais são as pressuposições de uma economia aplicada ao decrescimento? Qual é sua definição de decrescimento?**

**Serge Latouche** - Precisemos logo de saída que o decrescimento não é um conceito e, em todo o caso, ele não é o simétrico do crescimento. Trata-se de um *slogan* político com implicações teóricas. A palavra de ordem de decrescimento tem, assim, por objeto marcar fortemente o abandono do objetivo do crescimento pelo crescimento, objetivo insensato cujo motor não é outro se não a busca desenfreada do lucro pelos detentores do capital e cujas conseqüências são desastrosas para o meio ambiente. Com todo rigor, seria mais conveniente falar de um “a-crescimento”, como se fala de “a-teísmo”, mais do que de um “de-crescimento”. Trata-se, precisamente, do abandono de uma fé: a da economia, a do crescimento, a do progresso e a do desenvolvimento.

**IHU On-Line - O decrescimento é um crescimento negativo?**

**Serge Latouche** - Evidentemente não se trata de uma inversão caricatural que consistiria em preconizar o decrescimento pelo decrescimento. Em particular, o decrescimento não é o crescimento negativo, expressão antinômica e absurda que traduz bem a dominação do imaginário do crescimento. Sabe-se que o simples retardamento do crescimento precipita nossas sociedades na confusão, em razão do desemprego e do abandono dos programas sociais, culturais e ambientais que asseguram um mínimo de qualidade de vida. Pode-se imaginar que catástrofe seria uma taxa de crescimento negativo! Da mesma forma como não há nada pior do que uma sociedade de crescimento sem crescimento. É isso que condena a esquerda institucional, na falta de ousar a descolonização do imaginário, ao social-liberalismo. O decrescimento só pode, pois, ser encarado numa “sociedade de decrescimento”.

**IHU On-Line - O pós-desenvolvimento se apresenta da mesma forma nos países do Norte e do Sul?**

**Serge Latouche** - O pós-desenvolvimento e a construção de uma sociedade alternativa não se apresentam necessariamente da mesma forma no Norte e no Sul. Para o Norte, a diminuição da pressão excessiva do modo de vida ocidental sobre a biosfera é uma exigência de bom senso, ao mesmo tempo que é uma condição da justiça social e ecológica. No que concerne aos países do Sul, tocados de cheio pelas conseqüências negativas do crescimento do Norte, se trata menos de decrescer (ou de crescer opostamente) do que de reatar o fio de sua história,

rompida pela colonização, pelo imperialismo e pelo neo-imperialismo militar, político, econômico e cultural. A reapropriação de sua identidade é pré-requisito para levar aos seus problemas soluções apropriadas. Para que o Sul possa viver e sobreviver, é preciso que nosso peso sobre o planeta diminua. Nós temos uma enorme dívida ecológica. Não obstante, o decrescimento diz respeito às sociedades do Sul, na medida em que elas estão engajadas na construção de economias de crescimento, a fim de evitar que se encravem mais no impasse ao qual esta aventura nos condena. Tratar-se-ia para elas, se ainda há tempo, de se “desembrulhar”, isto é, de afastar os obstáculos de seu caminho para expandir-se de outra maneira. É claro que o decrescimento do Norte é uma condição da expansão de toda forma de alternativa para o Sul, tanto que a Etiópia e a Somália estão condenadas, na mais dura carestia, a exportar alimentos para nossos animais domésticos. Enquanto nós engordamos nosso gado de abate com as tortas de soja feitas sobre as queimadas da Floresta Amazônica, nós asfixiamos toda tentativa de verdadeira autonomia para o Sul.

***IHU On-Line - Como a crítica à idéia de desenvolvimento em vigor pode ser incorporada pela sociedade? Qual é o papel da mídia?***

**Serge Latouche** - O decrescimento só pode ser encarado numa “sociedade de decrescimento”. Convém, então, precisar os contornos do que poderia ser uma sociedade de “não-crescimento”. Uma política de decrescimento poderia consistir, em primeiro lugar, em reduzir ou suprimir as externalidades negativas do crescimento, que vão dos acidentes de percurso às despesas de medicamentos contra o estresse. Isso inclui também a redução do volume considerável de deslocamentos de pessoas e de mercadorias no planeta, com a redução do impacto negativo correspondente sobre o meio ambiente (portanto, uma “relocalização” da economia), a redução da não menos considerável publicidade barulhenta e, muitas vezes, nefasta, e, enfim, a redução da obsolescência acelerada dos produtos e dos ingredientes descartáveis, que não tem outra justificativa além de fazer andar mais depressa a megamáquina infernal, constituem reservas importantes de decrescimento no consumo material.

***IHU On-Line - Não há méritos no modelo de desenvolvimento, que possam ser úteis para um novo modelo de sociedade? Qual é o legado da esquerda para a luta em favor deste novo modelo?***

**Serge Latouche** - Isso não implica, necessariamente, a rejeição de toda ciência, nem a recusa de toda técnica. Nós não negamos nossa pertença ao Ocidente, cujo sonho progressista nos assombra. Todavia, nós aspiramos a uma melhoria da qualidade de vida, e não a um crescimento ilimitado do PIB. Reclamamos para nós a beleza das cidades e das paisagens, a pureza dos lençóis freáticos e o acesso à água potável, a transparência dos rios e a saúde dos oceanos. Nós exigimos uma melhoria do ar que respiramos, do sabor dos alimentos que ingerimos. Há ainda bastantes “progressos” a fazer para lutar contra a invasão do ruído, para ampliar os espaços verdes, para preservar a fauna e a flora selvagens, para salvar o patrimônio natural e cultural da humanidade, sem falar de “progressos” a fazer na democracia. Atualmente, a América do Norte (Canadá e Estados Unidos) consome doze vezes mais, e a Europa Ocidental cinco vezes mais do que o restante do mundo. É este superconsumo que seria necessário reduzir para aliviar as urgências energéticas que pesarão mais onerosamente sobre nosso futuro e para chegar a uma partilha mais igualitária do bem-estar mundial.

***IHU On-Line - O que pode mudar cada cidadão em seu modo de vida cotidiano, se a barreira ao decrescimento se situa antes em nossas cabeças do que nas reais dificuldades em implantá-lo?***

**Serge Latouche** - Para não ficar na opinião de um condicionamento ideológico, fundado no crescimento e na ciência, o novo, o progresso, o consumo, o crescimento condicionam esta evolução. A prioridade é, pois, a de se engajar em escala individual na simplicidade voluntária. É mudando a nós mesmos que transformaremos o mundo. Isso passa pela escolha de seu banco, de suas compras: fazer apelo a produtores locais. É necessário encontrar valores mais saudáveis. Devolver o gosto a cada um de fazer o seu jardim, de se bastar a si mesmo. Foram perdidos o sabor e a vontade. Mas pouco a pouco seremos capazes de criar este novo sistema.

#### **IHU On-Line - Alguma observação que o senhor queira acrescentar?**

**Serge Latouche** – Nossas sociedades estão enfermas de enfoques meramente econômicos. O crescimento gera um sem número de desigualdades e de injustiças. A polarização das diferenças sempre afetou mundialmente as desigualdades e, desde o fim dos trinta gloriosos<sup>4</sup>, isso se verifica também em cada país, mesmo no Norte. O decrescimento, única alternativa possível contra o desenvolvimento da miséria e a destruição do planeta, visa a entregar às gerações futuras um planeta, no qual não somente será possível viver, mas onde será bom viver. O decrescimento não propõe viver “menos, mas melhor”, com “menos bens e mais elos”. Os partidários do decrescimento pensam que a crise ecológica imporá uma redução da produção material: é melhor se preparar para isso e assumi-la livremente “num quadro humanista e democrático”, sob pena de incidir no “totalitarismo” e na “barbárie”, que geraria uma crise insuperável.

[\(Voltar ao índice\)](#)

### **“É PRECISO DESMISTIFICAR A IDÉIA DE QUE GOVERNOS DE ESQUERDA SÃO MAIS CORRETOS AMBIENTALMENTE”**

#### **Entrevista com Marcel Bursztyn**

*Marcel Bursztyn é professor da Universidade de Brasília, onde dirige o Centro de Desenvolvimento Sustentável. Graduiu-se em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e obteve o título de mestre em Planejamento Urbano e Regional pela mesma universidade, com a dissertação Determinantes da localização residencial: o caso da população de baixa renda na área metropolitana do Rio de Janeiro. É doutor em Desenvolvimento Econômico e Social pela Universidade de Paris I (Pantheon-Sorbonne), U.P.I, França e doutor em Economia pela Universidade de Picardie, UP, França, com a tese Le rôle économique de l'État dans le Nordeste brésilien. É pós-doutor pela Universidade de Paris XIII (Paris-Nord), U.P. XIII, França e pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), França. É autor, co-autor e organizador dos livros **Que Crise é Essa ?**. São Paulo: Brasiliense, 1984 (Organizador, juntamente com Leitão, Pedro e Chain, A). **O Poder dos Donos - Planejamento e Clientelismo no Nordeste**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984. **O País das Alianças: Elites e Continuísmo no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1990. **Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1993 (Org.). **Da Utopia à Exclusão: Vivendo nas ruas em Brasília**. Rio de Janeiro/Brasília: Garamond/Codeplan, 1997 (juntamente com Araújo, C. H.). **Cristovam Buarque: O Semeador de Utopias**. Brasília: Editora UnB, 1998. **Amazônia Sustentável: uma estratégia de desenvolvimento**. Brasília: Ibama/CDS: IBAMA, 1999 (juntamente com Bartholo Jr., R.). **No Meio da Rua: nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000 (Org.). **Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Sustentável - Subsídios à Elaboração da Agenda 21 Brasileira**.*

<sup>4</sup> A expressão “trinta gloriosos” designa o período de crescimento forte e regular dos países industriais, de 1945 a 1974 (Nota do *IHU On-Line*).

Brasília: IBAMA/MMA, 2000 (Org.). **A Difícil Sustentabilidade: política energética e conflitos ambientais**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001 (Org.). **Ciência, Ética e Sustentabilidade**. São Paulo: Cortez/Unesco, 2001. (Org.). **Amazônia: cenas e cenários**. Brasília: Editora UnB, 2003. (Organizador, juntamente com Sayago, D.A.V., e Tourrand, J.). Dele, **IHU On-Line** publicou outra entrevista, denominada "Redefinir as necessidades básicas", em sua 100ª edição, de 10-05-2004. Para esta edição, Marcel Bursztyn foi entrevistado por e-mail.

**IHU On-Line – Quais são os pressupostos de uma economia aplicada ao decrescimento?**

**Marcel Bursztyn** – Não entendo que deva haver decrescimento, e sim outro padrão de crescimento, compatível com os princípios da sustentabilidade do desenvolvimento. Nos países mais ricos, onde o bem-estar geral é elevado, a questão crucial é a do reordenamento da pauta de consumo, introduzindo maior parcimônia no uso dos recursos da natureza, minimização da geração de resíduos (principalmente dos não-degradáveis), maior reaproveitamento dos resíduos, busca de eficiência energética, atenção ao comércio justo, entre outras mudanças. No caso dos países mais pobres, a pauta é a mesma, mas há questões imediatas, cuja premência se sobrepõe à própria agenda ambiental de longo prazo, por se tratar de condições básicas de sobrevivência e de qualidade de vida. Ali, além da satisfação de necessidades básicas, como alimentação, o saneamento ambiental (água potável, esgoto, coleta e tratamento de lixo e rede de águas pluviais), há grande déficit de educação e saúde. A distribuição de renda só gerará efeitos positivos, quando acompanhada de crescimento geral da economia, pois a riqueza nacional (PIB) é baixa. É preciso ficar claro que o desenvolvimento sustentável não pressupõe a reversão da dinâmica econômica, mas sim sua reorientação.

**IHU On-Line - Não há méritos no modelo de desenvolvimento ocidental que possam ser úteis a um novo modelo de sociedade? Levando em conta exemplos de países que tenham governo de esquerda, podemos considerar que neles têm havido novos modelos de desenvolvimento sustentável?**

**Marcel Bursztyn** – Primeiramente, é preciso desmistificar a idéia de que a degradação ambiental, inerente ao modo de vida típico da sociedade moderna, é restrita ao capitalismo e de que governos de esquerda são mais corretos ambientalmente. A história das experiências do socialismo real revelou barbaridades ecológicas. O acidente de Chernobil<sup>5</sup>, na antiga União Soviética, é apenas um exemplo eloqüente. O ambientalismo, como causa societal, tem como característica ser desvinculado da tradicional polarização direita-esquerda. Trata-se de um movimento que seduz amplo espectro de vinculações e identidades político-ideológicas. Ser "ambientalmente correto" requer mudanças comportamentais que estão mais na esfera da ética do que da ideologia. O governo brasileiro atual, originariamente de identidade de esquerda, tem sido protagonista de sérios revezes ambientais, dentre os quais um exemplo é a liberação do cultivo de sementes transgênicas. Quanto ao "modelo de desenvolvimento ocidental", é preciso registrar que o mesmo hoje é universal. A nova globalização cuidou de uniformizar os padrões e práticas econômicas. As referências a crenças e culturas orientais, menos materialistas e mais solidárias com o mundo natural, são hoje principalmente alegorias, quimeras. Servem de

---

<sup>5</sup> O autor se refere à explosão do reator da central elétrica de Chernobil em 26 de abril de 1986, deixando escapar cerca de 50 milhões de curies (unidade da atividade radiativa). Cerca de 8,4 milhões de pessoas dos três países estiveram expostas à radiação. O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, classificou esta como "a pior catástrofe tecnológica da história", dizendo que os países mais afetados - Belarus, Federação Rússia e Ucrânia - "continuam sofrendo conseqüências sociais, econômicas e humanitárias." (Nota do **IHU On-Line**)

contraponto mais ao discurso cultural que ao econômico. Digo isso sem juízo de valor. É uma constatação.

***IHU On-Line*** – Como a crítica radical à idéia vigente de desenvolvimento pode ser incorporada pela sociedade? Isso implicaria em mudanças predominantemente culturais?

**Marcel Bursztyn** – O mau desenvolvimento não deve ser substituído pelo não-desenvolvimento, e sim pelo bom desenvolvimento. Isso dito, fica no ar a questão: afinal, o que é o bom desenvolvimento? Essa é a questão que intriga pensadores antes mesmo de se cunhar o conceito de sustentabilidade. O debate sobre projetos nacionais de desenvolvimento já se estende por várias décadas, mesmo que tenha ficado obscurecido por uns tempos, na penumbra do neoliberalismo. Importa hoje que países como o Brasil voltem a debater estratégias de construção de um futuro desejável, fugindo ao fatalismo que a mão invisível do mercado nos condena. Para onde queremos ir? E o que devemos fazer para chegar lá? Essas seguem sendo as grandes questões que temos de enfrentar. Que o desenvolvimento seja sustentável não é mais do que obrigação, nos tempos atuais. Temos, nesse sentido, diante de nós um desafio maior do que o dos países que lograram desenvolver-se antes, pois eles não tiveram esse tipo de preocupação. E hoje o mundo todo paga o preço. Para internalizar a noção de sustentabilidade na cultura da sociedade, será necessário um longo processo de mudança de comportamento, que demanda forte papel da educação e, sem dúvida, leva algum tempo (pelo menos uma geração).

***IHU On-Line*** – Durante o Simpósio, o senhor ministrará uma oficina sobre o desenvolvimento sustentável do Brasil. Que alternativas o senhor propõe sem repetir modelos de crescimento econômico cujos custos e conseqüências estamos sofrendo?

**Marcel Bursztyn** – Não há fórmula mágica. Como disse acima, é preciso mudar mentalidades e valer-se da educação como vetor de transformação.

***IHU On-Line*** – O curso de três dias que o senhor ministrará durante o Simpósio trará uma fundamentação teórico-prática do desenvolvimento sustentável. O que entende por fundamentação teórico-prática? Como isso será realizado?

**Marcel Bursztyn** – Pretendo discorrer sobre o estado do debate sobre desenvolvimento e em que medida a introdução da variável sustentabilidade modifica esse debate.

***IHU On-Line*** – Como tem sido a experiência do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB? Quais os avanços mais recentes que o senhor destacaria?

**Marcel Bursztyn** – Temos uma história de quase dez anos, com 220 mestres e 60 doutores formados. Erramos em alguns pontos e fomos corrigindo os rumos. Posso afirmar hoje, com satisfação, que a abertura de espaços interdisciplinares no mundo universitário tem sido exitoso. São muitas as dificuldades, de natureza burocrática, sobretudo. Mas o crescimento de iniciativas como a nossa aponta para um novo desenho da universidade, um possível caminho para reverter sua crise existencial. Para citar um dado, no âmbito da pós-graduação, é o grupo que mais vem crescendo nos credenciamentos junto à Capes. A enorme procura por cursos como os nossos comprova também que essa via de formação está em sintonia com os tempos atuais.

**IHU On-Line – Como o senhor vê a iniciativa de uma universidade promover um simpósio internacional que discute as condições de habitabilidade do planeta Terra, considerando o papel da academia na sociedade e realidade atual?**

**Marcel Bursztyn** – Esse é o papel da Universidade... Afinal, se nos restringíssemos aos particularismos das disciplinas organizadas, não seríamos universais. Iniciativas como esta renovam, informam e formam. E evitam que a "universidade" se restrinja à função de "particularidade". Felicito a Unisinos!

[\(Voltar ao índice\)](#)

## A IMPERIOSA CRIAÇÃO E RECRIAÇÃO DOS CÓDIGOS DE ENTENDIMENTO DO UNIVERSO

### Entrevista com Armando Lopes de Oliveira

*Armando Lopes de Oliveira é professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É Licenciado e Bacharel em Física, pela UFMG. Também é Mestre em Física pela mesma universidade e Doutor em Física pelo Centro de Estudos Nucleares de Grenoble, França. É Pós-Doutor em Física pelo Imperial College (Londres). Foi entrevistado por e-mail.*

**IHU On-Line - Quais as principais teses que o senhor apresentará na oficina *A estrutura do Universo e os seus códigos físicos*?**

**Armando Lopes de Oliveira** - A estrutura do Universo desafia a curiosidade e a inteligência dos físicos, e de toda mente inquiridora em geral, com os seus códigos surpreendentes, na maioria das vezes, paradoxais, quando não enredados no que parece indecifrável. Como conciliar *contínuo-descontínuo, absoluto-relativo, determinismo-indeterminismo, necessário-contingente, ordem-caos*? Meu objetivo principal consiste em afirmar, e tentar mostrar, como, criando e recriando seus próprios códigos de entendimento do Universo, a Ciência consegue levantar, em parte, o véu do mistério e do paradoxo, com que se revestem os códigos físicos do Universo.

**IHU On-Line - Quais as principais teses que o senhor apresentará no curso *O caos dedilhado em planilhas Excel*?**

**Armando Lopes de Oliveira** - Faz algum tempo, li alguma coisa desconcertante afirmada pelo filósofo francês *Michel Serrès*<sup>6</sup>: “Como se pode levar a sério a filosofia da ciência se agora até o caos está com status de ciência?” O título do meu curso pode criar a ilusão de que o congressista, que não tiver familiaridade com planilhas Excel, estaria perdendo o seu tempo se inscrevendo nele. Não é nada disso. Meu esforço consiste em demonstrar que lidar com o caos cientificamente é, sob vários aspectos, tão simples como entender extratos bancários de contas correntes, com apenas duas entradas (débito-crédito) e uma saída (saldo).

**IHU On-Line - De que forma a física contribui, e poderia contribuir mais ainda, para pensar o desafio da terra habitável?**

**Armando Lopes de Oliveira** - No início, ao receber o convite para orientar uma oficina e ministrar um curso no Simpósio Internacional Terra Habitável, tive ímpetos de responder: “Sinto-me muito honrado com o convite, mas como físico, talvez, o que gostaria de explorar não tenha nada a ver”. Acontece que o convite já veio de cartas marcadas, talvez porque o Prof.

<sup>6</sup> Filósofo francês, estuda a situação humana nas várias dimensões da vida e das ciências: existência, espiritualidade, cultura, economia, política, biologia, genética, tecnologia. (Nota do *IHU On-Line*)

Cirne Lima<sup>7</sup> tenha soprado no ouvido da comissão organizadora: “Convide o Armando para falar coisas ligadas à estrutura do Universo, à complexidade, aos fractais, ao caos”. Resolvi enfrentar o desafio, afinal de contas a tecnologia se serve da física muitas vezes de forma perversa, poluindo, soltando bombas atômicas, detonando artefatos nucleares a título de pesquisa. Por que não apresentar os bons usos que se pode fazer da física?

**IHU On-Line - Como as teorias do Caos e da Complexidade ajudam a compreender as estruturas do universo?**

**Armando Lopes de Oliveira** - Tem tudo a ver, do big bang à era atual, o universo evolve, e os seres vivos evoluem, em estranho e apaixonante jogo de aspectos conflitantes, apresentando estruturas simples das quais emergem complexidades e ausências de estruturas ou caos que eclodem em auto-organização.

**IHU On-Line - Tendo como objetivo o desafio da terra habitável, quais as mudanças mais importantes pelas quais deve passar a universidade e suas estruturas? Como a física pode contribuir para uma visão do mundo e um fazer científico mais transdisciplinar?**

**Armando Lopes de Oliveira** - A universidade hoje é uma ficção. O que existe atualmente são pluriversidades. Tendo como objetivo-vetor-comum habilidade e auto-sustentabilidade, deve-se incentivar a transdisciplinaridade em uma rede de interações unificadoras das grandes culturas da humanidade: a religiosa, a artística, a filosófica e a científica.

**IHU On-Line - O senhor gostaria de acrescentar outros comentários?**

**Armando Lopes de Oliveira** - Grande ensejo este, o de um exercício transdisciplinar, que tem tudo para dar certo e ser altamente proveitoso, o Simpósio Internacional Terra Habitável. Meus votos de êxito para todos nós, organizadores e participantes.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## “NÃO PODEMOS IGNORAR NOSSAS REALIZAÇÕES COOPERATIVAS E SEUS HERÓIS E HEROÍNAS”

### Entrevista com Hazel Henderson

*Hazel Henderson é colunista internacional e consultora de desenvolvimento sustentável. Como editora das publicações **Futures** (Reino Unido) e **WorldPaper** (EUA), ela participa de muitos conselhos, inclusive do Worldwatch Institute e do Fundo Calvert de Investimento Social, ajudando a criar os Indicadores da Qualidade de Vida Calvert-Henderson. Foi assessora da National Science Foundation e dos US Office of Technology Assessment, de 1974 até 1980. Seu trabalho pode ser conferido na página [www.hazelhenderson.com](http://www.hazelhenderson.com) Dos seus vários livros, foram publicados no Brasil **Transcendendo a Economia**. São Paulo: Cultrix, 1991. **Construindo um mundo onde todos ganhem**. São Paulo: Cultrix, 1996. **Além da globalização: modelando uma economia global sustentável**. São Paulo: Cultrix, 1999. Foi entrevistada por e-mail.*

**IHU On-Line - A senhora afirma que dinheiro não é riqueza e defende “a economia do amor”. Onde está a riqueza do mundo e como ela se relaciona com a “economia do amor”?**

**Hazel Henderson** - A riqueza do mundo são os bens ecológicos do ecossistema da Terra e a produtividade desses sistemas naturais de vida (compostos por milhões de diversas espécies

<sup>7</sup> O Prof. Dr. Carlos Roberto Velho Cirne Lima integra o PPG em Filosofia da Unisinos. Dele, publicamos a entrevista *Karl Rahner defendeu idéias, antes do tempo, cedo demais*, na 102ª edição, de 24 de maio de 2004. (Nota do **IHU On-Line**)

interagindo com os solos, os oceanos, a atmosfera), absorvendo os desperdícios dos humanos e processando os elementos de que os humanos necessitam para sobreviver: ar, água, fotossíntese, etc. Toda essa vida biosfera interage com os humanos, quer seja ou não usado dinheiro para garantir tais transações. Os sistemas monetários que os humanos inventaram são apenas tão acurados para uma adequada promoção de tais transações, quanto o é o nível de conhecimento humano e a evolução de nossos sistemas de valores (em prol da reciprocidade e cooperação com nossos espécies e todas as formas de vida).

***IHU On-Line - Como construir índices para medir essa “nova” riqueza e como superar a fragmentação que caracteriza o sistema de informações vigente?***

**Hazel Henderson** - Para reconstruir parâmetros para mensurar essas riquezas são necessárias várias disciplinas e várias métricas apropriadas para os principais sistemas de suporte da vida; por exemplo, a Qualidade Calvert-Henderson de Indicadores de Vida<sup>8</sup>. Essas várias métricas não podem ser supra-agregadas ou pesadas por fórmulas econômicas para produzir um único índice (por exemplo, GNP<sup>9</sup> e GDP<sup>10</sup>), porque muitas informações e variedades são perdidas.

***IHU On-Line - É possível adotar critérios universais para medir/avaliar a qualidade de vida? Como lidar com as características regionais?***

**Hazel Henderson** - Alguns critérios universais para a qualidade de vida incluem as exigências básicas de manutenção da vida para a existência humana, por exemplo, comida adequada, água, ar, etc. A Declaração Universal dos Direitos Humanos apresenta uma visão mais ampla, incluindo todas as espécies de direitos: políticos, sociais, econômicos, etc. Porém, para muitos lugares, coisas específicas são importantes, baseadas em regiões, culturas locais, valores, condições, etc.

***IHU On-Line - Uma sociedade baseada na cooperação entre os povos tem se revelado historicamente inviável. Entretanto, a senhora a defende. Quais são os sinais e evidências de que isso passa a ser possível?***

**Hazel Henderson** - Eu não concordo que uma sociedade baseada em cooperação se revelou historicamente como impraticável. De fato, eu proponho o ponto oposto: como poderíamos ter criado todas as estruturas sociais cooperativas: cidades, corporações globais, os EUA, as Nações Unidas, se não tivesse havido principalmente a cooperação? E a competição, mesmo o conflito, sempre tem lugar em contextos de cooperação, por exemplo, os horrores de Darfur<sup>11</sup>, ocorrendo, quando sanções das Nações Unidas são adotadas. Isso é para perceber que nós, humanos, temos um longo caminho a percorrer. Nós não poderíamos, porém, esquecer nossa experiência histórica e ignorar nossas realizações cooperativas, como, muitas vezes, fazemos hoje. A história focalizou o conflito e ignorou todos os silenciosos e não-celebrados heróis e

---

<sup>8</sup> Os Indicadores de Qualidade de Vida Calvert-Henderson incorporam à avaliação do desenvolvimento das nações as questões ambientais, os investimentos em educação e saúde, a qualidade de moradia e os direitos humanos. Esse modelo de análise propõe, entre outras medidas, a contabilização de gastos com educação e saúde como investimentos – e não como gastos – e os projetos de infra-estrutura como bens. Como essa mudança altera significativamente o cálculo da dívida pública, se medido por esse critério, ela supõe, o Brasil seria mais rico do que segundo os índices utilizados atualmente. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>9</sup> Sigla inglesa para Produto Nacional Bruto. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>10</sup> Sigla inglesa para Produto Doméstico Bruto. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>11</sup> Darfur, região da parte ocidental do Sudão, que enfrenta uma grande crise humanitária. Tem sido afetada pela ação de milícias armadas, num conflito que já matou 180 mil pessoas e causou a fuga de dois milhões. (Nota do *IHU On-Line*)

heroínas que cuidam, compartilham, cooperam e constroem comunidade. É o que a minha nova série de TV, *Ethical Marketplace* [Praça pública ética] faz.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## “BALDUÍNO RAMBO FOI UM PIONEIRO NO ENFOQUE TRANSDISCIPLINAR”

### Entrevista com Aldo Araújo

*Aldo Mellender de Araújo é professor do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É pós-doutor pela Cornell University, C.U., Estados Unidos, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pela University of Liverpool, Inglaterra. É doutor em Genética e Biologia Molecular pela UFRGS, com a tese Estrutura populacional e malformações congênitas na população de Porto Alegre. É graduado em História Natural pela UFRGS. Foi entrevistado por e-mail.*

#### **IHU On-Line - Quais os aspectos mais importantes da vida e obra de Balduino Rambo?**

**Aldo Araujo** - Vou comentar sobre a obra científica de Rambo (outros aspectos da vida de Rambo, como suas qualidades de líder popular e sacerdote, por exemplo, estão muito bem discutidas na biografia publicada pelo Pe. Arthur Rabuske - Pesquisas, História, no. 26, 1987)<sup>12</sup>. Enquanto seus contemporâneos botânicos se preocupavam, exclusivamente, com a descrição da flora brasileira (o que ele também fazia, e muito bem), Balduino Rambo se preocupava em fazer TEORIA na Biologia, especialmente na biologia evolutiva, isto é, em relação à evolução dos seres vivos, das modificações por eles apresentadas ao longo das gerações. Fazer teoria, mesmo nos dias atuais, ainda não é o mais freqüente na atividade acadêmica no Brasil, ainda que se tenham excelentes estudos em diferentes áreas. Fazer teoria é estabelecer sistemas de referência na atividade científica. Balduino Rambo, por exemplo, formulou um conceito de "espécie" entre as plantas e procurou enfocá-lo por vários critérios que hoje são reconhecidos como importantes. Na época (1959), ele não foi entendido e, mesmo atualmente, ele é pouco conhecido como o autor deste conceito. Rambo também estabeleceu hipóteses sobre a origem da vegetação do Rio Grande do Sul, procurando, ao mesmo tempo, integrá-la no corpo de conhecimentos conhecido pelo nome de "darwinismo".

#### **IHU On-Line - Qual foi a sua contribuição para uma “terra habitável”? Pode-se dizer que ele já praticava uma abordagem transdisciplinar da natureza?**

**Aldo Araujo** - Balduino Rambo foi o grande defensor de uma biologia conservacionista, tendo sido um pioneiro neste enfoque. Sem dúvida, ele contribuiu para uma "Terra habitável". Ele tinha um conhecimento "enciclopédico" das chamadas ciências naturais. Um de seus livros mais conhecidos do público em geral é *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*<sup>13</sup>, em que algumas idéias conservacionistas são expostas.

#### **IHU On-Line - Quais as mudanças ocorridas na fisionomia do Rio Grande do Sul, desde a publicação da obra clássica de Balduino Rambo?**

**Aldo Araujo** - A primeira edição da *Fisionomia* é de 1942; de lá para cá, muito foi modificado no Rio Grande do Sul. A região da chamada Planície Costeira, por exemplo, foi grandemente

<sup>12</sup> A revista *Pesquisas* é publicada pelo Instituto Anchieta de Pesquisas, da Unisinos, cuja página pode ser acessada em [www.anchietanos.unisinos.br](http://www.anchietanos.unisinos.br) (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>13</sup> Rambo, Balduino. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*. 3. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1994. (Nota do *IHU On-Line*)

atingida e modificada pela ação humana. Os reflexos disso ainda não foram exaustivamente estudados, mas há evidências muito fortes e consistentes, por exemplo, em relação às alterações nas populações de um roedor encontrado na região de dunas, um "tuco-tuco" muito especial, que vive neste ambiente. Populações de anfíbios (sapos, rãs, pererecas), também têm sido impactadas, algumas extintas, devido à drenagem e ao aterramento de pequenos açudes (nos arredores de Porto Alegre, este fenômeno também ocorreu - não é difícil imaginar-se que o mesmo deve ter se passado em outras cidades grandes do Rio Grande do Sul).

**IHU On-Line - O senhor considera que o legado de Balduino Rambo vem sendo devidamente valorizado? O Rio Grande do Sul valoriza aquele que foi um dos seus maiores pesquisadores?**

**Aldo Araujo** - Balduino Rambo ainda não é suficientemente conhecido, nem mesmo nos meios acadêmicos relacionados à biologia. É preciso que se divulgue a sua obra científica, extensa, criativa, original. Para valorizá-lo devidamente, é necessário divulgar mais a sua obra, tanto nos meios acadêmicos, quanto em relação ao público em geral.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## **COPENHAGEN: MONTAGEM PAULISTA SOBRE QUESTÃO NUCLEAR NO SIMPÓSIO TERRA HABITÁVEL**

Elogiada por críticos como Alberto Guzik e Bárbara Heliodora, a peça teatral *Copenhagen*, montagem paulista do Núcleo Arte Ciência no Palco, da Cooperativa Paulista de Teatro, será apresentada no Anfiteatro Padre Werner, amanhã, dia 17 de maio, integrando a programação do **Sempre às Terças** e do **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**. Com texto de Michael Frayn, direção de Marco Antonio Rodrigues e tradução de Aimar Labaki, com Carlos Palma (Werner Heisenberg), Oswaldo Mendes (Niels Bohr) e Selma Luchesi (Margrethe Bohr) no elenco, *Copenhagen* participou da programação do **9º Porto Alegre Em Cena** e foi contemplado com o Prêmio Estímulo Flávio Rangel 2001 (Governo do Estado de São Paulo) e Prêmios Qualidade Brasil 2001: Melhor Direção e Melhor Espetáculo. A peça é recomendada para pessoas a partir de 16 anos e tem duração de 150 minutos, em dois atos. Para a entrada, serão distribuídas 700 senhas, a partir das 14 horas, no local da apresentação. Na entrada do Anfiteatro haverá um cesto para arrecadação de alimentos como farinha de milho, de mandioca, feijão ou arroz para a Campanha Nacional Fome Zero e outro cesto para a doação de roupas para a Campanha do Agasalho.

### **A peça**

*Copenhagen* é uma trama de suspense, amizade, mistério e espionagem, tendo a questão nuclear, a ética e a responsabilidade dos cientistas como temas centrais. Fala de um explosivo e misterioso encontro que mudou o rumo da história. Em 1941, em plena Segunda Guerra Mundial, os pais da física quântica, Niels Bohr, judeu dinamarquês, e Werner Heisenberg, alemão encarregado do programa nuclear de Hitler, têm uma breve e secreta conversa sobre a construção da bomba atômica, em Copenhague, então sob ocupação nazista. As diferentes versões desse encontro entre os dois renomados cientistas são revistas com os personagens já mortos, agora com a presença de Margarethe Bohr, mulher de Niels. O espetáculo revela as implicações das decisões humanas e um profundo pensar sobre o mundo e nossas vidas, usando a ciência como metáfora para fortes emoções.

## MIRADA AO PASSADO PARA FAZER UMA TERRA HABITÁVEL

Por Attico Chassot



Niels Bohr, Margarethe Bohr e Werner Heisenberg

O Prof. Dr. Attico Chassot, do PPG em Educação da Unisinos, comenta o espetáculo *Copenhagen* no artigo que segue, elaborado especialmente para o **IHU On-Line**. Chassot apresentou dois livros de sua autoria no evento **Sala de Leitura**, promovido pelo IHU, em 9 de dezembro de 2003. São eles **Educação conSciência**. (Santa Cruz do Sul: UNISC, 2003. 244p.) e **A Ciência é masculina?**

**É, sim senhora!** (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. 114p. Coleção Aldus 16). O título do segundo livro foi tema do **IHU Idéias** do dia 20 de agosto de 2003. O professor Attico Chassot é pós-doutor pela Universidade Complutense de Madri, doutor em Educação pela UFRGS, com tese intitulada: *Para que(m) é útil o ensino de Química?*; e mestre em Educação pela UFRGS. Ele é autor de diversos livros, entre os quais citamos: **Para que(m) é útil o ensino?**. Canoas: ULBRA, 1995; e **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. Ijuí: Editora Unijuí: 2001. **IHU On-Line** entrevistou o professor Attico sobre os livros apresentados no **Sala de Leitura** na 87ª edição, de 9 de dezembro de 2003.

Leio, com entusiasmo no **IHU On-Line** número 139, que durante o **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para Humanidade** teremos o privilégio de ver, na Unisinos, o espetáculo *Copenhagen*. Em 25 de setembro de 2002, quando assisti a esta peça, apresentada pelo grupo Amaná-Key, registrei em meu diário que vira, ao mesmo tempo, uma das melhores aulas de História e Filosofia da Ciência e de Didática. Recordo que, então, com alguns colegas, sonhamos em trazê-la à Unisinos, mas nos demos conta (fazendo contas) que era inviável. Assim são sobradas as razões para vibrar com a oportunidade que teremos no dia 20 de maio, às 18 horas, no Anfiteatro Pe. Werner. Este texto é também a manifestação pública de minha gratidão aos fazeres do Instituto Humanitas Unisinos (IHU).

### Copenhagen

Saber que *Copenhagen* – uma peça premiada em vários países – estará entre nós, encenada pela Companhia Paulista de Teatro, que já é detentora de vários prêmios pela produção e apresentação desta peça, nos obriga a uma preparação para o melhor desfrute da oportunidade. A estréia de *Copenhagen* foi em Londres, em 1998. Seu autor é o dramaturgo (também repórter e tradutor) Michael Frayn<sup>14</sup> (Londres, 1933), detentor de muitos prêmios recebidos por uma longa lista de produções, especialmente para teatro.

Sem tirar nada do suspense e até da trama envolvente do texto *Copenhagen*, vale olharmos um pouco o cenário para onde somos transportados pela magia do teatro. Vivemos, então, em 1941, em meio aos momentos mais dramáticos da guerra que iniciara em 1939 e ainda se estenderia até 1945. Estamos em Copenhague, capital da Dinamarca, ocupada pelos nazistas, situação igual à parte significativa de uma Europa dilacerada. As atrocidades que hoje vemos

<sup>14</sup> Michael Frayn - dramaturgo, colunista, repórter e tradutor inglês, nascido em 1933, no subúrbio de Londres. Para saber mais consulte o sítio <http://www.imagi-nation.com/moonstruck/clsc74.html> (Nota do **IHU On-Line**)

no Iraque, para referir um dos conflitos dolorosos de nossos dias, eram barbarizadas, naquela época, com batalhas de nações contra nações.

### Niels Bohr e Werner Heisenberg

Em *Copenhagen*, vamos nos encontrar com apenas três personagens, que tiveram histórias excepcionais: o dinamarquês Niels Bohr<sup>15</sup> (1885-1962) e o alemão Werner Heisenberg<sup>16</sup> (1901-1976), dois dos maiores físicos do século XX. O primeiro recebeu prêmio Nobel de Física em 1922, "por seu trabalho na investigação da estrutura do átomo e das radiações emanadas a partir dele"<sup>17</sup> e o segundo, o prêmio Nobel de Física em 1932 "pela criação da mecânica quântica, e a aplicação da mesma, que entre outras descobertas, levaram à identificação de formas alotrópicas do hidrogênio"<sup>18</sup> Mas há uma terceira personagem: está em cena, com muito destaque, Margarethe Bohr (1890-1984)<sup>19</sup>, esposa de Niels, numa trama de idas e vindas que passa em revista as diferentes hipóteses (inclusive a do próprio Michael Frayn), sem a pretensão de determinar a suposta versão "verdadeira" do encontro histórico dos dois eminentes físicos.

Bohr e Heisenberg foram, em outros tempos, antigos colaboradores – o físico alemão trabalhara em Copenhague, sob orientação de Bohr, nos anos 1920 – mas agora, separados pelas circunstâncias, estão em lados opostos do conflito, porém com um envolvimento comum: a bomba atômica, que daria, ao lado que a detivesse, a cartada macabra para vencer a guerra. Heisenberg estava encarregado de desenvolver a bomba atômica alemã; Bohr contribuiu para a confecção da bomba estadunidense, que destruiria, em 1945, as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki e determinaria a rendição do Japão e término da Segunda Guerra Mundial.

Quais as razões pelas quais Heisenberg procura seu antigo professor para um jantar que acompanhamos intrigado durante as 2h30min de espetáculo? Essa pergunta sem resposta é o pivô da peça e é sobre ela que surgem as especulações que envolvem a História da Ciência e a Filosofia da Ciência, permeadas por profundas discussões éticas. Esta é a dimensão que ainda hoje traz atualidade às discussões e, com razão, se faz presente em um simpósio que se propõe discutir propostas para que tenhamos uma Terra habitável.

Algumas hipóteses podem ser levantadas sobre o encontro: Heisenberg pretendia extrair de Bohr segredos do programa nuclear dos aliados? Teria ido alertá-lo para o projeto de Hitler de fabricar a bomba? Teria ido se aconselhar com ele? Ou foi a Copenhague para sondar o grau de desenvolvimento do projeto nuclear dos aliados (que só começou em 1942)? Será que foi tentar roubar segredos de seu antigo orientador para adiantar a construção da bomba para

---

<sup>15</sup> Niels Bohr (1885-1962) - físico dinamarquês de ascendência judaica, que ganhou o Prêmio Nobel em 1922 por sua teoria da estrutura do átomo. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>16</sup> Werner Karl Heisenberg (1901-1976) - físico alemão, vencedor de Prêmio Nobel, e um dos fundadores da mecânica do quantum. Heisenberg foi o líder do programa da energia nuclear da Alemanha nazista. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>17</sup> Fonte: <http://nobelprize.org/physics/laureates/> (Nota do autor)

<sup>18</sup> Fonte: Idem nota anterior. (Nota do autor)

<sup>19</sup> Margarethe Norlund, filha de um farmacêutico, nasceu em uma pequena cidade distante menos de 100km de Copenhague. Casou com Niels em 1912. Enquanto ele trabalhava na Inglaterra, houve trocas de lindas cartas entre ambos, nas quais ele dava detalhes de seus trabalhos que desenvolvia em Cambridge com Rutherford. O casal teve seis filhos, o quarto, Aage Bohr, nasceu no ano em que seu pai foi laureado com o Nobel de Física, recebeu o mesmo prêmio que o pai em 1975. Margarethe foi, durante muitos anos, assistente de Niels, não apenas datilografando seus textos, mas, segundo reconhecimento dele e dos filhos, inspiradora de muitas de suas idéias científicas. Niels, mesmo batizado cristão, quando da ocupação nazista na Dinamarca, teve sérios problemas, pois era filho de mãe judia. Em 1943, com recrudescimento das perseguições da Gestapo, a família Bohr fugiu para a Suécia. (Nota do autor)

Hitler? Ou será que foi propor um pacto de paz, segundo o qual os cientistas nazistas e aliados se recusariam a construir armas de genocídio?

Michael Frayn traz para o jantar discussões acerca das contribuições dos dois físicos, que são aquelas pelas quais um e outro foram laureados com o Nobel de Física. Bohr a partir da proposta de seu Professor Ernst Rutherford<sup>20</sup> (1871-1937), prêmio Nobel de Química 1908, de um átomo nuclear define que os elétrons só poderiam girar em torno do núcleo em órbitas predeterminadas, e só emitiriam ou absorveriam quantidades discretas de energia (*quanta*). A contribuição de Heisenberg pode ser considerada uma complementação com formulação do princípio da incerteza, segundo o qual seria impossível medir com exatidão a posição e a velocidade de um elétron simultaneamente. É indiscutível que os dois mudaram a Ciência do Século XX. Aqui vale um alerta: essas concepções são trazidas com tal abundância de metáforas que um leigo em física participa da ágape com um saborear especial, catalisado pelas intervenções quase ardilosas de Margareth. Ela medeia as réplicas e as tréplicas dos dois físicos, tornando os diálogos fascinantes.

### A Ciência como Golem

É em um olhar à Ciência como esse desencadeado por *Copenhagen* que ressurge a constante discussão acerca de ser a Ciência boa ou má. Primeiro vale repetir que Ciência não é um ente. São os homens e as mulheres que fazem Ciência que têm ações que são boas ou são más. Permitam-me uma simplificação: uma faca sobre o mesmo corpo pode matar ou salvar a vida. Depende de quem a usa.

Há um tempo eu dicotomizava a Ciência como sendo ora uma fada benfazeja, ora uma bruxa. Depois de fazer uma leitura, onde reabilito bruxas, que está em meu livro **Educação conSciência**<sup>21</sup> passei a dizer que a Ciência pode ser ora uma fada benfazeja, ora um ogro maligno; agora, para fugir a esta polarização, trago uma outra metáfora para Ciência, dizendo que ela me parece mais a Golem (Goilem), aquele ente da mitologia judaica que se parece com um gigante de barro que desconhece sua verdadeira força e se assemelha muito a um bobão, mas que tem ações, às vezes, de sábio e outras de sabido<sup>22</sup>.

Oxalá as discussões que devem catalisar *Copenhagen* sirvam para que ajudemos o Golem a ser menos tolo e colaborar, para que, ao fazermos Ciência, o façamos para transformar o mundo para melhor. Só assim teremos uma Terra habitável.

[\(Voltar ao índice\)](#)

### ATO DE FÉ SERÁ EXIBIDO NO SIMPÓSIO TERRA HABITÁVEL

No último dia do **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, na quinta-feira, dia 19 de maio, das 18h30min às 19h15min, no Anfiteatro Pe. Werner da Unisinos, será exibido o filme *Ato de Fé*, com direção de Alexandre Rampazzo e produção de Tatiana Polastri. O filme já foi comentado nas páginas do **IHU On-Line**, por Amir Labaki no **IHU On-Line** número 113, de 30 de agosto de 2004, e por Jurandir Freire Costa, na 137ª edição, de 18 de abril de 2005.

<sup>20</sup> Ernst Rutherford (1871-1937) - físico britânico, ganhador do prêmio Nobel por seus trabalhos inovadores na física nuclear e por sua teoria da estrutura do átomo. Rutherford foi um dos mais importantes pesquisadores da física nuclear. (Nota do **IHU On-Line**)

<sup>21</sup> CHASSOT, Attico. **Educação conSciência**. Santa Cruz do Sul: EdUNISC. 2003. (Nota do autor)

<sup>22</sup> Adaptado de COLLINS, Harry; PINCH, Trevor. *O golem: o que você deveria saber sobre ciência*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003. (Nota do autor)

[\(Voltar ao índice\)](#)

## DESTAQUES DA SEMANA

### Análise de Conjuntura

#### GOVERNO E CONGRESSO TEM COMPORTAMENTO AUTISTA

##### Entrevista com Renato Lessa

*Renato Lessa, cientista político, professor do IUPERJ, em entrevista publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, do dia 15 de maio de 2005, analisa a conjuntura nacional.*

O cientista político Renato Lessa afirma que governo e Congresso agem de forma autista e predatória. A lógica do Executivo e do Legislativo, diz ele, é de uma dupla e simultânea captura: um tenta ocupar cargos na administração, o outro, conquistar maiorias.

"O país está aprisionado a uma agenda medíocre, minúscula", diz o professor do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. A resposta, diz, virá das galerias: "Se essa agenda ficar por muito mais tempo confinada à relação entre esses dois atores, a sociedade de alguma maneira vai tender a ultrapassar essa agenda. É difícil pensar a sustentabilidade indefinida de um padrão autista".

#### **Folha - Qual a dimensão da perda do comando político do Congresso pelo governo?**

**Renato Lessa** - Existe descontrole de articulação, mas há algo mais importante: o país está aprisionado a uma agenda medíocre, minúscula. É como se o mundo se resumisse às relações entre Executivo e Legislativo. Na perspectiva do governo, a principal tarefa é controlar o Legislativo. Do ponto de vista do Legislativo, a racionalidade é o que tem de fazer para obter mais vantagens no acesso ao governo. Os dois configuram um sistema autárquico em que as únicas relações relevantes são as entre os dois Poderes. É como se não existisse mundo exterior.

#### **Folha - Mas isso se dá por quê? Por falta de projetos?**

**Lessa** - Isso vem do padrão que a política brasileira adotou nos últimos 20 anos. Começa com o governo Sarney. Na transição para a democracia, o Congresso teve papel fundamental, a transição foi feita lá dentro. Na verdade, significou a captura do Executivo pelo Congresso. Isso que meus colegas chamam de presidencialismo de coalizão, de forma elegante, na verdade é uma prática predatória. Do ponto de vista dos parlamentares trata-se de uma estratégia de assalto ao Executivo. E desse, de obter maioria parlamentar. Não é falta de projeto. Nesse tipo de relação, nenhum projeto pode vicejar. Tendo ou não tendo projeto, não fará a menor diferença. As relações estão completamente contaminadas.

#### **Folha - Isso é mais grave hoje?**

**Lessa** - Parece mais grave hoje pelo fato de esse governo não estar tendo o comando das articulações parlamentares, mas não há nada de novo quanto ao padrão de relação. Esse padrão passou pelo governo Sarney, quando se falava em ingovernabilidade todo dia; o

governo Collor caiu não só pelas características patológicas e venais do presidente, mas também porque não tinha quem o defendesse no Congresso; o governo Fernando Henrique articulou isso muito bem durante oito anos e esse padrão de relação continua.

**Folha - O que distingue a articulação de FHC da de Lula?**

**Lessa** - Primeiro, a própria confusão interna do PT. A eleição do Severino mostrou isso. Como é que o partido do governo vai para a eleição da Câmara com dois candidatos? Isso vai para o Guinness Book. Não há registro disso em outro país. O PT não demonstrou capacidade de operar no Legislativo nesse padrão cultural.

**Folha - Tal padrão é modificável?**

**Lessa** - A modificação, se vier, virá de fora para dentro. Machado de Assis sugeria que a gente olhasse o Legislativo do ponto de vista das galerias. Se essa agenda ficar por muito mais tempo confinada à relação entre esses dois atores, a sociedade de alguma maneira vai tender a ultrapassar essa agenda. É difícil pensar a sustentabilidade indefinida de um padrão autista. O que vai acontecer daqui para a frente é a construção progressiva de um ponto de vista das galerias. A avaliação externa do Congresso vai tender a ter mais voz, mais visibilidade. É uma coisa alucinada que o ponto de tensão do dia seja o aumento dos servidores do Legislativo, de 15%. Há uma agenda concreta, urgente, do país, que vai das estradas esburacadas à reforma universitária, e ela não entra. Essa agenda substantiva não está no proscênio.

**Folha - FHC afirmou que "o povo olha para o Congresso e não se sente lá". É isso mesmo?**

**Lessa** - Temo dizer que isso aconteceu no governo dele. Talvez fosse interessante como autocrítica, embora seja verdade. Por várias razões. Pela própria matemática eleitoral, você tem uma maioria expressiva de deputados que são eleitos com sobras, transferências dos mais votados.

**Folha - Ele também disse ver riscos de uma crise semelhante à ocorrida no governo João Goulart.**

**Lessa** - É uma ameaça retórica. Essa crise atual nada tem a ver com o quadro do Goulart. Qual era? Uma agenda golpista explícita da direita, que não foi criada em 64, mas foi contemporânea de toda a República pós-46. Agenda de radicalização política pela esquerda. Cadê? Quem é que está propondo reforma na lei e na marra hoje? Ninguém. O PT domesticou a esquerda e a trouxe, quase toda, para o centro. Os militares estão quietos. A radicalização social é pontual. Há quem acredite que para entender a política é preciso entender a relação entre Executivo e Legislativo. É uma visão autista. Para quem pensa assim, o governo Goulart caiu porque perdeu a sustentação parlamentar, mas não leva em conta o que acontecia no ambiente social. Porém o Fernando Henrique é um sujeito extremamente inteligente. Ele não tem essa visão intelectualmente tacanha. Sabe que não é assim, mas, como ator político, ele age como se fosse isso. E a partir dessa dificuldade, chama o fantasma do governo Goulart. Não era para ele dizer isso. É discurso tático. Moralidade política é difícil. Ele está agindo na perspectiva florentina. É Maquiavel puro.

**Folha - E os problemas legais de Romero Jucá e Henrique Meirelles?**

**Lessa** - Isso envenena mais ainda a agenda do Executivo com o Judiciário. Engraçado o procurador da República, homem indicado pelo Lula, agir assim. É impressionante o grau de desarticulação. Saímos do "engavetador-geral" para o "desengavetador". Um governo que vai

dividido à eleição da Câmara e põe na Procuradoria um homem que age autonomamente, movido por sua moralidade e suas crenças religiosas. Como é que pode um negócio desses?

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Entrevista da semana

### “CATÓLICOS DEVEM ENCOLHER”, DIZ SOCÍOLOGO

#### Entrevista com Reginaldo Prandi

O sociólogo Reginaldo Prandi, estudioso das religiões, lançou na semana de 8 a 14 de maio o livro **Segredos Guardados** (São Paulo: Companhia das Letras, 2005), que tem como tema central a situação do candomblé. É sobre esta obra que versa a entrevista a seguir, publicada pelo jornal **Folha de S. Paulo**, em 8 de maio de 2005. Em seu novo livro, Reginaldo Prandi analisa o assédio evangélico sobre religiões afro-brasileiras e vê o declínio do catolicismo no País.

A eleição de Bento XVI deve acentuar o desinteresse da Igreja Católica pela América Latina e ampliar a perda de fiéis em países como o Brasil. Ambas as tendências apenas reafirmam o legado de João Paulo II, cujo perfil reacionário foi, em parte, mascarado pela figura afável e midiática. São análises do sociólogo Reginaldo Prandi, 58, professor titular da USP e um dos mais renomados estudiosos da religião no País. Segundo ele, a Igreja Católica perde não apenas fiéis, mas importância e presença política diante do crescimento dos chamados neopentecostais, mais ágeis e mais sintonizados com as demandas do que chamam de mercado da fé. Um dos efeitos da ofensiva neopentecostal no País é o cerco, cada vez maior, às religiões afro-brasileiras, com quem dividem uma religiosidade ancorada mais em práticas rituais e menos em preceitos morais - traço predominante no catolicismo. Este é um dos assuntos tratados em **Segredos Guardados** e tem como tema central a radiografia do candomblé no País. Diferentemente da umbanda, que declina, o candomblé se expandiu nas últimas décadas, em grande medida pela adesão da classe média branca aos terreiros. A origem desse fenômeno, diz Prandi, remonta à contracultura dos anos 1960 e 1970, quando, sobretudo a Bahia, se tornou uma fonte de experiência mística e de vida alternativa para jovens universitários. Hoje, a sobrevivência do candomblé depende menos de seus devotos do que da clientela que mantém com a religião uma relação esporádica, de consumidor que paga em troca de serviços.

**Folha - O senhor identifica na hipertrofia ritual e na falência moral traços cada vez mais presentes na experiência religiosa. A comoção em torno da morte do Papa João Paulo II não desafia essa tese?**

**Prandi** - Eu acho que a morte do Papa é como uma final de Copa do Mundo. A grande maioria das pessoas torce por um time, mas não se interessa muito em acompanhar o campeonato. Mas, naquele momento, de quatro em quatro anos, há uma mobilização geral. Isso é algo que está controlado pelas TVs, pelos jornais. Com o Papa, acontece a mesma coisa. No geral, as pessoas não estão nem um pouco interessadas no que o Papa pensa ou fala. Os católicos têm pouca idéia do que acontece no governo papal. É claro que eles serão afetados pela política do Papa, mas depois que ela tenha atingido a paróquia. O que impressionou muito na eleição do novo Papa é que a Igreja Católica mostrou a cara dela. Uma igreja conservadora, reacionária. Um conservadorismo quase globalizado. Quem chama a atenção para isso é [o sociólogo]

Antônio Flávio Pierucci<sup>23</sup> [com quem Prandi escreveu *A Realidade Social das Religiões no Brasil*]. Ele diz que, com essa eleição, caiu a máscara da Igreja. De repente, viu-se que todos os cardeais são conservadores.

**Folha - Mas havia opções menos conservadoras. O próprio D. Cláudio Hummes era visto como alguém mais aberto.**

**Prandi** - Acredito que D. Cláudio tenha ficado até um pouco incomodado, porque, na verdade, ele era o menos pior de todos. Nenhum cardeal brasileiro tinha a estatura dos antigos bispos do País. Eles se aposentaram, e a Igreja não conseguiu substituí-los, pois não houve essa preocupação. Ao contrário, a preocupação do Vaticano foi reprimir a produção de grandes pensadores. Hoje quem tem alguma importância na igreja brasileira está na oposição. A escolha do novo Papa serviu também para vermos melhor como os cardeais que representaram a igreja brasileira no conclave, são pessoas inexpressivas.

**Folha - O que a América Latina perde com a eleição de Bento XVI?**

**Prandi** - A América Latina já havia perdido muito com o papado de João Paulo II, que deu as costas para a região. Esse desinteresse deve se agravar. A Igreja teve um surto de progressismo com João XXIII e Paulo VI, mas depois voltou a ser a velha igreja reacionária de sempre. Agora, reassume essa posição com mais clareza.

**Folha - João Paulo II era uma figura afável, doce, mais palatável do que Bento XVI. Isso camuflou o rumo que ele deu ao seu papado?**

**Prandi** - Ele tinha um carisma que o tornava muito popular nas visitas que fazia, mas sempre foi um papa muito reacionário.

**Folha - Com a eleição de Ratzinger, a Igreja não corre o risco de encolher ou de não se expandir? A ênfase na doutrina, na ortodoxia, não é uma posição de muito risco?**

**Prandi** - Claro que é. Mas uma coisa que a mídia não falava durante os funerais e a eleição do Papa é que o Brasil perdeu muitos católicos sob João Paulo II. Hoje somos um país que tem só 75% de católicos. Grande parte deles desinteressados da vida religiosa. A pequena expansão que a Igreja Católica teve na África e na Ásia não é suficiente para compensar a perda na América Latina. Perdeu também politicamente. As outras religiões têm uma visibilidade muito grande. As catedrais dos crentes estão concorrendo com as catedrais dos católicos em termos de visibilidade, de importância. No plano político-partidário, o catolicismo não tem nenhuma facilidade de se colocar, enquanto os evangélicos fazem suas cadeiras nas casas legislativas. João Paulo II levou a Igreja para um caminho complicado. O catolicismo vai continuar perdendo fiéis. Ele tinha uma importância política que hoje não tem mais. No Brasil, a Igreja Católica chegou a ser um dos atores sociais que falavam pela massa. Hoje ela não fala por ninguém.

**Folha - Por que a religião evangélica avança sobretudo na parcela mais pobre da população?**

---

<sup>23</sup> Antônio Flávio Pierucci concedeu a entrevista intitulada *Em defesa da pluralidade e da multicausalidade*, sobre Max Weber, ao *IHU On-Line* n.º 101, de 17 de abril de 2004. Dele, também publicamos o artigo *O retrovisor polonês no IHU On-Line* n.º 136, de 11 de abril de 2005. Página: 30

[0] Pierucci ministrará a conferência de encerramento do **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*, no dia 10 de novembro de 2005. No mesmo dia, ele também estará presente no evento **IHU Idéias**. (Nota do *IHU On-Line*)

**Prandi** - Os evangélicos descobriram que teriam de tratar dos problemas mais comezinhos da vida diária, da sobrevivência das pessoas. Eles apostaram na chamada teologia da prosperidade. Do sucesso financeiro, que, na verdade, é um sucesso pequeno. Aquele que permite manter o filho na escola, comprar os móveis de quarto em 24 prestações. Nas neopentecostais, passa-se a idéia de que Deus está ao seu lado para ajudar na superação das dificuldades. É mais eficiente do que a promessa das religiões afro-brasileiras de conquista das coisas através dos trabalhos mágicos, das oferendas às divindades.

**Folha - O senhor faz um paralelismo entre esses dois rituais?**

**Prandi** - O rito, a magia, que eram muito fortes nas religiões afro-brasileiras, agora também são muito fortes nas evangélicas e também progrediram no catolicismo, sobretudo entre os carismáticos. A história da religião mostrava que ela caminhava no sentido de ficar muito mais ligada ao mundo dos valores. Houve um refluxo, agora a religião é usada para pedir, para alcançar coisas que não só dizem respeito à sua vida espiritual, mas também à sua vida material. É uma volta ao mundo do ritual.

**Folha - A organização empresarial das igrejas evangélicas e o controle que elas têm de parte dos veículos de comunicação não são decisivos para explicar seu êxito?**

**Prandi** - As igrejas que mais crescem não são necessariamente as que dispõem de canais de TV. A audiência dessas igrejas na TV é muito pequena. O que ainda conta é a presença do fiel no templo. O que mudou muito é que hoje o templo está mais adaptado à vida na grande metrópole. Há grandes templos que funcionam 24 horas.

**Folha - O encolhimento das religiões africanas se deve à migração para as neopentecostais?**

**Prandi** - Nós não temos estatísticas sobre isso, mas, na experiência de campo, é freqüente o relato de que, quando alguém deixa o candomblé ou a umbanda é porque virou crente. Às vezes, é a própria mãe-de-santo que se converte. Na TV, nos programas evangélicos, se vê o tempo todo esse aliciamento. No Rio de Janeiro, as coisas já andaram piores, com violência na rua, nas periferias, ataques aos terreiros.

**Folha - Isso não derruba a tese da tolerância religiosa no País? Não vivemos hoje um processo de intolerância com papéis invertidos?**

**Prandi** - Sim, continua a haver uma luta de Davi contra Goliás, mas com a inversão de papéis. Na verdade, ao mesmo tempo que as religiões evangélicas são muito agressivas com as afro-brasileiras, elas também têm de se defender. Elas se queixam de serem vistas como religiões de segunda categoria, de serem chamadas de "religiões de cinema fechado". Hoje nossa sociedade é muito tolerante em matéria religiosa. Isso não significa, porém, que as religiões sejam. A sociedade se abre, mas as religiões se fecham.

**Candomblé é alvo dos neopentecostais**

**Folha** - Quase no final de Segredos Guardados, o senhor diz: "Silenciosamente, assistimos hoje a um verdadeiro massacre das religiões afro-brasileiras". Pelo que veio antes, fica claro que esse massacre estaria sendo liderado pelas religiões neopentecostais, e não pelos católicos. O senhor acredita mesmo que as religiões afro-brasileiras correm o risco de extinção? A que o senhor atribui essa demonização dos afro-brasileiros pelos evangélicos?

**Reginaldo Prandi** - Todas as religiões estão em disputa de mercado. Hoje o trânsito de uma religião para outra é muito intenso. Adere-se, por um certo tempo, a uma delas, se não tiver gostado, muda. O lema agora é "Deus é fiel", não é mais o fiel que é fiel. Soma-se a isso o fato decisivo de que, para os neopentecostais, a fonte de todo mal é o Diabo. Quando alguém age erradamente, é o Diabo o responsável, e não a pessoa. As neopentecostais não são religiões de culpa. O que se tem de fazer nessas religiões, portanto, é evitar a presença do Diabo - e esse Diabo, para os neopentecostais, está presente nas religiões afro-brasileiras. Entidades do candomblé e da umbanda são vistas como manifestações demoníacas. É preciso enfrentá-las.

**Folha - As religiões neopentecostais e as afro-brasileiras têm uma base social muito parecida?**

**Prandi** - Sim. A população de classe média que segue o candomblé e a umbanda não chega a ser atingida pela disputa inter-religiosa. Os mais pobres, sim. Os que permanecem com mais facilidade na religião afro-brasileira são os seguidores de classe média, os brancos, os escolarizados.

**Folha - A que o senhor atribui a mudança da base social dessas religiões afro-brasileiras. Em particular, ao seu embranquecimento?**

**Prandi** - Nos anos 1960, na época da contracultura, houve uma volta, uma busca das raízes, das tradições. Enquanto a juventude americana e a inglesa se voltavam para os monges do Tibet, os jovens brasileiros iam para a Bahia. Naquela época, o cinema, o teatro, a literatura e a música estavam repletos de orixás, mães-de-santo. Isso contribuiu para melhorar a imagem que se fazia das religiões afro-brasileiras na classe média, branca, católica. Hoje o candomblé é a religião com a maior média de escolaridade de todas as religiões. Por quê? Por causa dessa classe média que veio da contracultura.

**Folha - Os seguidores do espiritismo são mais escolarizados. Segundo o Censo de 2000, a média de anos de estudo na religião espírita é 9,6, e nas afro-brasileiras é 7,5.**

**Prandi** - O kardecismo sempre foi uma religião intelectualizada. A própria idéia de evolução espiritual no kardecismo é um pouco confundida com a evolução intelectual. É muito diferente do candomblé, em que há ainda grande número de pessoas que se declaram católicas - são os mais pobres, mais apegados à tradição. A classe média se declara do candomblé. Por isso, estatisticamente, o elevado nível de escolaridade.

**Folha - Nesse aspecto o censo é insuficiente para medir a adesão religiosa?**

**Prandi** - É, mas ele é importante porque permite observar bem, por exemplo, o declínio das religiões afro-brasileiras.

**Folha - Mas houve paradoxalmente um aumento de seguidores do candomblé, não é?**

**Prandi** - O candomblé se expandiu um pouco, mas ele é minoritário no conjunto de religiões afro-brasileiras. O aumento de seguidores no candomblé não consegue compensar a perda de adeptos da umbanda. Acreditava-se que a umbanda seria a grande religião afro-brasileira, até mesmo a grande religião brasileira, em razão de ter nascido no Brasil, de ser sincrética como o Brasil. Mas, por alguma razão, a umbanda vem refluindo.

**Folha - Esse desenraizamento não tende a transformar as religiões afro-brasileiras em um exotismo, em algo meio folclórico?**

**Prandi** – Não. A classe média que vai ao candomblé gosta de religião. Nas crenças afro-brasileiras, há a possibilidade de acesso aos serviços mágicos sem comprometimento com a religião. É uma relação marcada pelo pagamento do serviço. Cada terreiro tem um número muito maior de clientes que de devotos. Isso faz com que a religião, mesmo sendo pequena, tenha uma capilaridade maior, que se dá através da clientela. Isso é importante porque é desse mercado mágico que vêm os recursos financeiros do terreiro. A clientela dos terreiros sempre existiu, mas se acentuou com a idéia de que a religião presta um serviço.

## Artigo da semana

### O DEUS DE EINSTEIN

Por Marcelo Gleiser

*Reproduzimos o artigo a seguir, escrito por Marcelo Gleiser, professor de Física teórica do Dartmouth College, em Hanover (EUA), e autor do livro **O Fim da Terra e do Céu** (São Paulo: Companhia das Letras, 2001). O texto foi originalmente publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, em 10 de abril de 2005.*

"Por que você me escreve dizendo que "Deus deveria punir os ingleses?" Não tenho relação íntima com um ou outro. Vejo apenas com grande tristeza que Deus pune tantas de suas crianças por seus inúmeros atos de estupidez, atos pelos quais Deus apenas deveria ser o responsável; em minha opinião, apenas a sua não-existência poderia desculpá-lo." Assim escreveu Albert Einstein a seu colega Edgar Meyer em carta datada de 2 de janeiro de 1915, o ano em que concluiu sua teoria da relatividade geral, que reformulou nossa concepção da gravidade. Essas são as palavras de alguém que carrega um grande senso de traição com relação à religião organizada, à crença em um Deus onipresente, o Deus bíblico. A religiosidade do físico suíço-alemão, que cresceu dentro da tradição judaica, certamente não se encaixava na ortodoxia.

Contraste o texto acima com este: "Tudo é determinado... por forças além de nosso controle. Isso é verdade para um inseto ou uma estrela. Seres humanos, vegetais, grãos de poeira, todos dançam segundo uma melodia misteriosa, entoada à distância por um flautista invisível". (**Saturday Evening Post**, 26 de outubro de 1929). Ou este: "Acredito no Deus de Espinosa, revelado na harmonia de tudo o que existe, mas não em um Deus que se preocupa com o destino e as ações dos homens". (Telegrama para um jornal judaico datado de 1929.)

O "flautista invisível" representa um Deus que se revela através da "harmonia de tudo o que existe", no decorrer das transformações do mundo natural. Espinosa, um filósofo que viveu no século XVII, acreditava que Deus e o mundo material eram indistinguíveis, que, quanto melhor compreendemos o funcionamento do Universo, mais nos aproximamos de Deus.

Para Einstein, a ciência é essencialmente uma atividade religiosa. Religião, claro, que trata a natureza como metáfora do divino e o cientista como seu sacerdote, aquele capaz de desvendar os seus mistérios. Essa atitude tem suas raízes em Platão, que via a essência do divino na razão humana. A elegância das figuras geométricas, suas relações e proporções, formam a linguagem que usamos para decifrar o código usado por "Deus" para construir o cosmo. A matemática é o alfabeto da Criação.

"O comportamento ético dos homens deve se basear na simpatia, educação e nos laços sociais; não é preciso base religiosa. Os homens estariam em péssima situação se tivessem que ser controlados pelo medo de punição [divina] ou pela esperança de salvação após a morte". (**New York Times Magazine**, 9 de novembro de 1930.) Aqui Einstein argumenta que a

religião organizada não é necessária para estabelecer as bases de um comportamento ético. Impor o controle social pelo medo ou pelas crenças mostra o quão imaturo é ainda o homem. A essência do equilíbrio social não se encontra na religião, mas no respeito à vida, ao outro, ao mundo.

Einstein (1879-1955) sobreviveu a duas guerras mundiais, foi testemunha do genocídio de 6 milhões de judeus pelos nazistas, de um número ainda maior de russos por Stálin, de centenas de milhares de japoneses pelas bombas atômicas americanas. Se estivesse vivo hoje, veria que pouco mudamos. Imagino que se trancaria em seu escritório e tentaria desvendar mais um mistério, rabiscando fórmulas matemáticas em um papel, a única prece que acreditava poder purificar a sua essência.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Livro da semana

**BROWN, PETER. SANTO AGOSTINHO - UMA BIOGRAFIA. RIO DE JANEIRO: RECORD, 2005.**

### A VIDA ÍNTIMA DA FÉ

Por Renato Janine Ribeiro

Destacamos na edição desta semana o livro recentemente lançado no Brasil, pela Editora Record, **Santo Agostinho - Uma Biografia**, de Peter Brown. O artigo que comenta a obra é de autoria de Renato Janine Ribeiro e foi publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, em 8 de maio de 2005. Renato Janine Ribeiro é diretor de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e professor na Universidade de São Paulo. É mestre em Filosofia pela Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne), França, e doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Também é livre docente pela mesma universidade e pós-doutor pela British Library, BL, Grã-Bretanha. Entre outros, é autor dos livros **A Marca do Leviatã - Linguagem e poder em Hobbes**. São Paulo: Ática, 1978. **A Última Razão dos Reis - Ensaio de Filosofia e de Política**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. **Ao Leitor Sem Medo - Hobbes Escrevendo Contra O Seu Tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. **Quatro autores em busca do Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, juntamente com Carvalho, J. M.; Da Matta, R. et al. **A Universidade e a Vida Atual**. Rio de Janeiro: Campus, 2003. **IHU On-Line** entrevistou Janine Ribeiro na edição número 130, de 28 de fevereiro de 2005. Renato Janine Ribeiro participou do **Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade: Por uma ética na política e na economia**, em junho de 2002, na Unisinos, apresentando o tema A política e o Bem Comum: por uma sociedade politicamente democrática. O Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro concluiu a primeira etapa do **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, no dia 12 de junho de 2002, falando sobre o tema A construção do Brasil: idéias sobre a identidade nacional. No mesmo dia, o professor conduziu a temática A política que passa pelos costumes: a TV como porta de acesso à cultura brasileira da política, no evento **IHU Idéias**. Renato Janine Ribeiro concedeu mais duas entrevistas ao **IHU On-Line** nas edições n.º 24, de 24 de julho de 2002 e n.º 63, de 9 de junho de 2003, páginas 4-7. Dele também publicamos um artigo na 89ª edição do **IHU On-Line**, de 12 de janeiro de 2004. Renato Janine Ribeiro é autor do **Cadernos IHU Idéias** número 6, intitulado **Brasil: entre a identidade vazia e a construção do novo**, e disponível em [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)

Escrever a biografia de um escritor, seja ele romancista, seja filósofo, não é nada fácil. Poderá o biógrafo escrever algo que se compare ao que o biografado redigiu? Pior ainda é biografar o autor de uma autobiografia: pode uma biografia ser melhor que o relato de si próprio? E ainda

pioir é quando o biografado foi autor da primeira autobiografia importante que houve. Falo das **Confissões**, de Santo Agostinho, biografado em 1967 por Peter Brown, em **Santo Agostinho - Uma Biografia**, livro agora traduzido para o português.

Confesso: esperava mais. É verdade que, para um livro escrito quando Brown tinha 32 anos, suas qualidades são espantosas. Além disso, Brown publicou outras obras importantes. Mas o que esperar de uma biografia de alguém já autobiógrafo?

Respondo: que explique bem o contexto de sua vida. Como Agostinho foi maniqueísta, que dedicasse dez boas páginas a dizer quem foi Mani, quem eram os maniqueus, suas teses, seu impacto. Como Agostinho nasceu e morreu no norte da África, que explicasse essa sociedade; que contasse o que restava, no cristianismo ainda não totalmente vitorioso do século IV, de ideais romanos como a vida ativa, a vida contemplativa e outros.

Infelizmente, disso Brown fala pouco. Lança indicações que não chegam a desenhar um panorama. E nos lega notas apenas curiosas, como ao contar o encontro de Agostinho com um teólogo que refutara 156 heresias, das quais nada ficamos sabendo.

No entanto, o livro deslança de maneira admirável quando Brown trata das **Confissões**. Não é para menos. Já não aceitamos o recorte simplificador que cinde paganismo e cristianismo; sabemos que muito do que o cristianismo trouxe de novo fora esboçado por versões alternativas internas ao paganismo, como o estoicismo. Paul Veyne nos ensinou isso e também o grupo inglês Monty Python (ver, no filme *A Vida de Brian*, Jesus como profeta que deu certo quando a Judéia pululava de seitas alternativas, disputando o futuro do judaísmo).

Mas, mesmo assim, o cristianismo – e sobretudo Agostinho - fez triunfar um novo destaque da vida íntima. Antonio Gramsci [1891-1937] disse que, a exemplo da expressão "marxismo-leninismo", que indica que só com a ação de Lênin a obra de Marx se completa (acrescentaríamos: de um certo modo), deveríamos falar em "cristianismo-paulismo". Foi São Paulo quem transformou o cristianismo, pelo aporte grego e romano.

Com efeito, os interditos alimentares dos judeus confinavam Cristo no mundo judaico. Quando Paulo tornou o que era central no judaísmo algo inessencial, que poderia ou não ser observado, o cristianismo se converteu talvez na primeira religião universal, aberta a qualquer um, independentemente de sua origem racial, de sua cultura ou de seus costumes.

### Paixões humanas

O outro passo decisivo é o de Agostinho. Não haveria psique sem ele. Uma base decisiva para o que hoje chamamos de psicologia vem da **Retórica**, de Aristóteles. Para saber como persuadimos o outro, devemos conhecer as paixões humanas. Na esteira do filósofo grego, muitos estudaram as paixões. Mas a transformação de todo esse mundo afetivo em vida íntima é obra cristã e, sobretudo, de Santo Agostinho e das **Confissões**.

Isso Brown valoriza muito bem por essa razão; afirmo que seu livro deslança a partir do exame desse livro absolutamente novo, **Confissões**, o que se faz no capítulo *O Futuro Perdido*. Antes, Agostinho fora maniqueísta, acreditando que bem e mal seriam duas entidades em guerra; sua mudança para o cristianismo não significa apenas que o mal deixa de ter densidade ontológica (o que ele explicará em seu magnífico livrinho **Da Natureza do Bem**), mas que se passa a ter um senso agudo da queda do homem, do pecado original.

É essa a chave para a interiorização. O "costume adquirido", o hábito ou consuetudo tornam difícil praticar o bem. Podemos enxergar o bem, mas nossa vontade se acostumou a tender na outra direção. Ou, nas palavras de Brown: "Já não era possível falar do corpo humano como o único túmulo da alma; Agostinho viu-se forçado a considerar a maneira misteriosa pela qual podia criar seu próprio túmulo em sua memória". Não é o corpo, visto como algo externo, que poderíamos renegar, o culpado quando praticamos o mal. Nossa experiência nos programa

para continuarmos afastados do bem. É essa convicção angustiada que explica a seriíssima peregrinação que o futuro santo empreende no interior de si mesmo, jamais se poupando.

Exagero ao dizer que a psicologia nasce dessa consciência quase lancinante de uma intimidade marcada pelo pecado original? Uma psicologia que venha da **Retórica** de Aristóteles, enxerga as paixões de fora para dentro; seu discípulo Teofrasto, em **Os Caracteres**, até as colocará numa lista. No século XVII, ao escrever **Os Novos Caracteres**, La Bruyère<sup>24</sup> manterá a tradição da lista, da crítica externa, da censura aos costumes depravados. Tudo isso é uma cena, um teatro que serve, por sinal, para a compreensão da vida pública como uma vida que se encena, que se publica.

Mas uma psicologia que se inspire nas **Confissões** trabalha com um sujeito que, nascendo da culpa, enceta um trajeto: as paixões não são mais um elenco, elas vivem, sobrevivem, morrem, matam.

### O santo da psique

Não é casual que, passados quase 14 séculos, Rousseau dê a um de seus principais livros o mesmo nome de **Confissões** - embora o termo mudasse de sentido nesse intervalo, porque para o santo *confessio* significava "acusação a si próprio e louvor a Deus", o que já não vale para Rousseau.

Não é fortuito tampouco que tão pouco da filosofia siga por aí: se há disciplina pouco confessional ou em que a confissão escandaliza, é a filosofia. Na cultura ocidental, a confissão fica na literatura, parente próxima, curiosamente, da ficção – talvez porque ambas valorizem o indivíduo, a pessoa, na sua rota quase trágica.

Seria desejável discutir ainda, nesta resenha, o que Arquillièr<sup>25</sup> popularizou sob o nome de "agostinismo político", isto é, a visão da política que a partir da **Cidade de Deus**, a outra obra magna do santo, marca quase mil anos da experiência ocidental. Mas, desde que Santo Tomás de Aquino propôs uma alternativa política de lavra aristotélica e de sucesso moderno, no século XIII, a vertente agostiniana para o poder cristão perdeu seu peso.

O Santo Agostinho que ainda vive, embora desconhecido da maior parte, não é tanto o da política. É o da psique. E será por acaso que o grande pensador da psicologia em nosso tempo, Freud, também tenha lidado com a culpa, também tenha provindo do universo em que o pecado original é agudo? Há identidade, sem esse alto custo que o mundo pós-pagão paga?

[\(Voltar ao índice\)](#)

---

<sup>24</sup> Jean de La Bruyère (1645 – 1696) – De origem burguesa, estudou na Universidade de Poitiers, onde se licenciou em Direito. Dedicou-se à advocacia, mas abandonou a profissão para comprar o cargo de tesoureiro geral de França no Tribunal das Finanças da Generalidade de Caen, que revendeu mais tarde. Foi nomeado preceptor do príncipe Louis de Condé. La Bruyère, devido à sua forte tendência moralizadora e de reforma dos costumes, dedicou-se ao estudo e observação de seus contemporâneos. Desses estudos, resultou sua obra **Os Caracteres**, um dos mais acabados retratos morais de todos os tempos. Deixou por terminar um segundo livro, **Diálogos sobre o Quietismo**. La Bruyère não foi o criador de um sistema de moral, porém o retratista e "satirizador" da moral de seu tempo. (Nota do **IHU On-Line**)

<sup>25</sup> P. Henri-Xavier Arquillièr é autor do livro **L'augustinisme politique, essai sur la formation des théories politiques au Moyen-Âge**. Paris: Vrin, 1934. (Nota do **IHU On-Line**)

## Memória

### STANISLAS BRETON, METAFISICO ATÍPICO E LUMINOSO

Traduzimos o artigo a seguir, escrito por Jean-Louis Schlegel, filósofo e colaborador da revista **Esprit**. O texto, publicado no jornal **Le Monde**, em 12 de abril de 2005, fala sobre o filósofo Stanislas Breton, falecido em 2 de abril de 2005.

Filósofo, durante muito tempo professor nos Institutos católicos de Paris e de Lyon, Stanislas Breton faleceu após um infarto, dia 2 de abril de 2005, no hospital Saint-Camille de Bry-sur-Marne.

Nascido em 1912, numa família modesta da região de Bordéus, órfão de pai e, em seguida, de mãe, Paul (depois Stanislas, seu prenome religioso) Breton deve ao cura de sua aldeia, como tantos outros desta época, poder fazer estudos no pequeno seminário de Agen e, depois, num juvenato dos padres passionistas<sup>26</sup>, uma ordem religiosa pouco conhecida, pouco numerosa na França e no mundo e, digamo-lo sem nenhuma nuance pejorativa, nada intelectual.

Muito jovem, ele entra para ela. Seus méritos intelectuais são reconhecidos, pois, bem cedo, ele se torna professor de Filosofia dos futuros passionistas, antes de ser enviado a Roma, em 1938, para licenciar-se em Filosofia eclesiástica.

Mobilizado em 1939, prisioneiro em 1940, ele passa cinco anos num campo de prisioneiros militares na Áustria: uma experiência fundamental, que, por causa de seu nascimento modesto, levou-o a simpatizar, durante toda a sua vida, com o Partido Comunista e o marxismo. Saído do campo, ele volta a Roma, onde permanece até 1956.

Para quem quiser conhecer a forma e o conteúdo do ensino da filosofia tomista e, mais em geral, o ambiente intelectual nas universidades pontifícias romanas neste período que precede o Concílio Vaticano II, recomenda-se que leia o relato que disso faz, com uma causticidade brilhante, humorística, e não obstante cordial, em **De Rome à Paris. Un itinéraire philosophique** (Desclée de Brouwer, 1992).

Além de sua tese, ele publica, a partir de 1954, um pequeno e original livro, que dá testemunho do sentido filosófico da Cruz (**La Passion du Christ et les philosophes**, 1954, um tema retomado diferentemente mais tarde, por exemplo, em **Le Verbe et la Croix**, Desclée, 1981).

De volta à França, ele ensina nas faculdades católicas de Lyon, depois em Paris, onde ele ocupa a cátedra de Metafísica. O tomismo, que ele aprendera em Roma, não fez com que ele fechasse nele, tendo sempre outras curiosidades. Mas, sob a influência de queridos amigos, como Jean Trouillard e Henry Duméry, ele viu, nos anos 1960, uma “mutação” para o neoplatonismo, ao mesmo tempo como metafísico e como místico.

Até os anos 1990, ele escreveu uns vinte ensaios filosóficos: citemos, sobretudo, **Du principe** (Cerf, 1971) e **Être, Monde, Imaginaire** (Seuil, 1976), ou ainda **Spinoza, théologie et politique** (Desclée, 1976), **Deux mystiques de l'excès, J.-J. Surin et Maître Eckhart** (Cerf, 1985)... Todos estes livros, de temas variados, atestam seu excepcional poder especulativo, reconhecido por Michel de Certeau<sup>27</sup>, por exemplo (que lhe faz conhecer Surin<sup>28</sup>), por filósofos,

<sup>26</sup> Padres que pertencem à Congregação da Paixão de Jesus Cristo. (Nota do **IHU On-Line**)

<sup>27</sup> Padre jesuíta, importante intelectual francês, autor de, entre outros, **La Fable mystique: XVIème et XVIIème siècle**. Paris: Gallimard, 1982; **Histoire et psychanalyse entre science et fiction**. Paris: Gallimard, 1987; **La prise de parole. Et autres écrits politiques**. Paris: Seuil, 1994. (Nota do **IHU On-Line**)

como Paul Ricoeur<sup>29</sup>, Emmanuel Lévinas<sup>30</sup> e outros, mas também, de maneira mais surpreendente, por Althusser<sup>31</sup> e “althusserianos”.

Ele encontrara Louis em 1966; eles simpatizaram um com outro e trocaram seus pontos de vista sobre Spinoza, Hegel e Marx, o neoplatonismo... Althusser lhe confiou durante algum tempo um curso para os seus discípulos. Stanislas Breton, após o drama (o assassinato de sua esposa em novembro de 1980), jamais o abandonou.

### Vitalidade exuberante

A bem da verdade, Althusser foi apenas uma das inumeráveis “aberturas” este metafísico fora do comum, de conduta rural, de riso tonitruante e sem fim (em que seus amigos detectavam também alguma angústia), maravilhado, de maneira quase infantil, pelas crianças, encantado pela jardinagem (e gostando de oferecer os produtos de seu jardim a seus hóspedes), espécie de asteróide em sua ordem (que o apoiou com uma fraternidade sem falha) e na Igreja (que ele amou... e tratou sem contemplação).

Os seus cursos eram animados, é o mínimo que se pode dizer, por sua vitalidade vibrante. Durante os dois últimos decênios de sua vida, ele se interessou pelas outras religiões do mundo e se tornou viajante na Austrália, no Japão... Ele fez périplo com alguns textos ofuscantes que se podem encontrar em *Philosophie buissonnière* [Filosofia ardente] (Ed. Jérôme Millon, 1989).

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Deu nos jornais

As notas aqui publicadas são uma síntese da atualização diária da página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)

### Produto chinês com marca brasileira chega ao mercado

Empresas nacionais de setores ameaçados pela competição com a China estão importando diretamente produtos acabados e componentes feitos por indústrias chinesas. Seus objetivos são defender o mercado doméstico contra o avanço dos concorrentes chineses e tornar mais competitivos os produtos que elas fabricam no Brasil. A notícia foi publicada no jornal **Valor**, 9-5-05. A Gradiente trouxe no ano passado R\$ 175 milhões em aparelhos eletrônicos chineses. Eles chegaram prontos, foram vendidos com a marca da companhia e representaram cerca de 20% das vendas. A Gulliver conseguiu metade do seu faturamento com brinquedos que ela mesma importou da China. Jaquetas expostas com a etiqueta da Hering em suas lojas também foram feitas pelos chineses. Bicicletas e carros elétricos produzidos pela fabricante de brinquedos Bandeirante usam baterias, correntes e motores trazidos de indústrias da China.

<sup>28</sup> Jean-Joseph Surin (1600-1665) - padre jesuíta, famoso por suas admiráveis virtudes, suas experimentações e seus talentos como diretor espiritual. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>29</sup> Paul Ricoeur - filósofo francês. Sobre ele, conferir um artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado no *IHU On-Line* 49ª edição, de 24 de fevereiro de 2003, e uma entrevista na 50ª edição, de 10 de março de 2003. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>30</sup> Emmanuel Lévinas (1905-1995) - filósofo francês de origem letoniana, renovador do pensamento judaico contemporâneo, autor de, entre outros, *Le temps et l'autre* (1948) e *Totalité et infini* (1961). (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>31</sup> Louis Althusser (1918-1990) filósofo marxista francês. Seu envolvimento com a ideologia marxista pode ser devido ao tempo gasto nos campos de concentração nazista, durante a segunda guerra mundial, depois da qual começou sua carreira acadêmica. (Nota do *IHU On-Line*)

### **A competição com a China obriga as empresas a reverem estratégia**

É cedo para dizer se esses exemplos representam um movimento generalizado e irreversível, mas analistas como o economista José Roberto Mendonça de Barros, da consultoria MB Associados, acham que eles indicam transformações profundas em curso na indústria brasileira. "A competição com a China obrigará empresas de vários setores a rever suas estratégias", diz. Para o economista José Roberto Mendonça de Barros, da consultoria MB Associados, movimentos como os da Gradiente e da Gulliver são sintomas de transformações mais profundas em curso na indústria brasileira. "A competição com a China obrigará as empresas de vários setores a rever suas estratégias", afirma. "Em muitos casos as perdas serão inevitáveis e isso vai doer." Agora, grandes exportadores como a Embraer, a siderúrgica Gerdau e o grupo Votorantim começaram a investir em fábricas e canais de distribuição no exterior. O passo seguinte, diz Mendonça de Barros, será imitar as multinacionais de países desenvolvidos que transferiram linhas de produção para a China para aproveitar as vantagens locais.

### **Mercosul e Conselho do Golfo fecham tratado comercial**

Os governos do Mercosul e do Conselho de Cooperação do Golfo simplificaram o acordo comercial negociado entre os dois blocos para que fosse concluído a tempo de ser anunciado como uma das principais conseqüências da Cúpula América do Sul - Países Árabes, encerrada semana passada, em Brasília. Fazem parte do Conselho Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Kuwait, Iêmen e Omã. A notícia está publicada no jornal **Valor**, 11-5-05. Diferentemente do habitual nesse tipo de acordo, o Mercosul sugeriu aos árabes que o tratado, anunciado dia 10 de maio pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, não contivesse anexos com detalhes mais delicados, como os critérios para "normas de origem" (que determina que tipo de produto pode ser beneficiado pelo acordo). O ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, ressaltou o fato de que foi um acordo "grande e pioneiro". Na avaliação do chanceler brasileiro, o comércio entre os blocos pode duplicar com a assinatura do acordo-quadro. Hoje, as transações estão em US\$ 8 bilhões. A estimativa é de que o comércio chegará a até US\$ 20 bilhões em dois a três anos. "Como um primeiro passo, o Mercosul e o Conselho de Cooperação do Golfo firmaram um acordo que contribuirá para afiançar as relações entre os dois blocos e será a base para aprofundar e expandir nossos vínculos em matéria de investimentos e comércio", endossou o presidente da Argentina, Néstor Kirchner.

### **É hora de 'disparar alarme' contra China, diz presidente da Fiesp**

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Paulo Skaf, disse na semana passada que "é hora de disparar o alarme" contra a concorrência da China, país que, segundo ele, além de ter vantagens macroeconômicas sobre o Brasil, ainda opera com práticas desleais e ilegais de comércio. "O mundo inteiro está preocupado com a China e procurando se defender. A Argentina regulamentou as salvaguardas específicas (contra a concorrência chinesa) há muito tempo. Há meses eu dizia: é hora de alerta vermelho. Agora, estou dizendo: é hora de disparar o alarme. No entanto, sentimos certa dificuldade para que haja essa consciência no Brasil", afirmou, durante o XVII Fórum Nacional, no Rio. A notícia foi publicada no jornal **Valor**, 11-5-05. Segundo Skaf, o Brasil tem hoje câmbio sobrevalorizado em 15% e a China tem a moeda desvalorizada em 25%. "Somente aí temos uma diferença de 40%. Não há nenhum produto que trabalhe com essa margem." Além disso, de acordo com Skaf, o volume de crédito na China é de 130% do PIB, contra cerca de 27% no Brasil. Os juros médios para pessoas físicas e jurídicas são de 50% aqui e de 5% lá. E os juros básicos reais brasileiros

estão na casa dos 13%. "Isso (os juros) não existe, e devido a isso vem uma atração de capital especulativo que pressiona o dólar, fazendo o nosso câmbio ficar supervalorizado", afirmou.

### **Marcio Pochmann questiona os gastos sociais de Lula**

Os gastos sociais dos dois primeiros anos do governo Lula caíram 1,31% em relação aos dois últimos anos do governo de Fernando Henrique Cardoso. No biênio 2003/2004, o gasto per capita foi de R\$ 991,10, enquanto que na média de 2001/2002, o valor havia sido de R\$ 1.004,65. Os números estão no estudo realizado pelo economista da Unicamp e ex-secretário de trabalho de São Paulo na gestão de Marta Suplicy, Marcio Pochmann. O economista contesta os números do Orçamento Social do Governo Federal (2001-2004), divulgado na semana retrasada pela Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda, segundo o qual os gastos sociais no governo Lula cresceram 31%. "Os dados do Ministério não levam em conta a inflação nem o crescimento populacional, o que deixa o trabalho sem consistência", explica Pochmann. O relatório da Fazenda utilizou valores correntes e mediu a evolução do gastos sociais em relação ao Produto Interno Bruto (PIB). Por meio desse documento, o Ministério da Fazenda concluiu que o governo gastou mais com programas sociais (previdência, bolsa-família, educação) e não obteve melhora significativa na distribuição de riqueza no país. "Não é possível afirmar que os gastos sociais não diminuíram a desigualdade de renda, uma vez que nem mesmo houve aumento desses gastos", argumenta o economista. Entre os anos de 2001 a 2004, a queda do gasto social per capita chega a 8,3%, o que significa que o orçamento social total do governo federal por habitante no ano passado equivaleu a 91,7% do valor real deste orçamento em 2001. Nesse período, somente os gastos com empréstimos, organização agrária e assistência social cresceram. Por outro lado, os valores destinados à Previdência Social, saúde, educação e cultura, por exemplo, declinaram 1,32%, 6,71% e 9,7%, respectivamente. O trabalho de Pochmann mostra ainda que nos últimos quatro anos o governo federal deixou de investir R\$ 9,9 bilhões no orçamento social. Ao mesmo tempo, R\$ 19,3 bilhões deixaram de fazer parte da renda do trabalho, por causa da queda no rendimento médio dos ocupados e do aumento do desemprego. Com isso, o rendimento do trabalho cresceu somente 4,5% no período, uma variação quase 41% menor à alcançada pelo PIB. A notícia foi publicada nos jornais *Valor*, *O Globo* e *Folha de S. Paulo* de 12-5-05.

### **Diminuição do gasto social mais queda da renda do trabalhador**

Além da diminuição do gasto social, o quadro é, segundo Marcio Pochmann, agravado pela queda da renda do trabalhador. Pelos cálculos do economista, "o contexto macroeconômico anti-social" foi responsável, entre 2001 e 2004, pela redução da participação do rendimento do trabalho na renda nacional. Pochmann estima que R\$ 19,3 bilhões deixaram de fazer parte da massa de rendimentos do trabalho, em função da queda do rendimento médio dos ocupados e do maior nível de desemprego. "Se somarmos a queda do rendimento do trabalho (R\$ 19,3 bilhões) com a redução do orçamento social (R\$ 9,9 bilhões), chegamos a R\$ 29,2 bilhões que deixaram de ser aplicados na diminuição da desigualdade social no País de 2001 para 2004", observa. "Essa combinação perversa é desfavorável ao enfrentamento da desigualdade social no País". Apesar da crítica à metodologia adotada pela União, o economista diz não acreditar em maquiagem dos números. "Não acredito (em maquiagem dos dados), mas senti falta da utilização de um deflator e de se levar em conta a população".

### **Aumento do gasto social não diminui a desigualdade no país, segundo estudo do governo**

O documento do governo destaca o aumento da transferência de renda a famílias pobres, de R\$ 2,4 bilhões em 2002 para R\$ 5,8 bilhões em 2004. Diz ainda que a maior fatia dos gastos

sociais (51,5%) é consumida pelo pagamento de aposentadorias, pensões e outros benefícios previdenciários do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Pochmann, por sua vez, argumentou que os dados não podem ser vistos de forma isolada. A transferência de renda, afirmou, foi insuficiente para dar conta do prejuízo acumulado pela queda da renda do trabalhador. "Se olhar no conjunto dos gastos sociais do governo, há uma queda absurda nas despesas com habitação e saneamento [-47,31%], saúde [-2,72%] e educação [-0,73%]", disse o economista. Pelos números do Orçamento Social do Governo, divulgado na semana passada, conclui-se que o aumento no gasto social não diminuiu a desigualdade no país. Pochmann discorda: "O novo estudo mostra que não houve aumento do gasto social, ao contrário, houve regressão. A conclusão, portanto, está errada".

### **Maior prejuízo para população de baixa renda, segundo Pochmann**

Pochmann diz que usou a mesma metodologia usada pela Fazenda, só incluiu na conta o registro da inflação e da população. Pelas suas contas, o gasto social direto (com Previdência, Saúde, Educação e Habitação e Saneamento, entre outros) caiu 3,16%, para um valor de R\$ 897,34 per capita em 2004 — contra R\$ 926,65 em 2001. No segmento de Habitação e Saneamento, a queda teria chegado a 55,55%. O estudo de Pochmann reconhece que há um crescimento dos gastos sociais per capita, de um ano para outro: passando de R\$ 807,51 em 2002, no primeiro ano do governo Lula, para R\$ 872,92, em 2003, e R\$ 897,34 no ano seguinte. Mas Pochmann insiste que este crescimento não reforça a tese do secretário de Política Econômica, Marcos Lisboa (que deixará o governo), no início do mês. Para o economista, há um viés anti-social na atual política econômica. Segundo ele, o prejuízo dos brasileiros de baixa renda pode ser ainda maior do que aqueles R\$ 9,9 bilhões. Pochmann fala em uma combinação perversa, ao cruzar o que o governo teria deixado de investir no social com a redução da participação do rendimento do trabalho na renda nacional. Ainda considerando o período de 2001 a 2004, enquanto o PIB apresentou variação de 7,6%, o rendimento do trabalho avançou apenas 4,5%. Essa diferença representaria, a preços de hoje, R\$ 19,3 bilhões. "Em vez de considerações ligeiras e superficiais, muitas delas sem consistência real e que apontam para conclusões equivocadas, como a condenação do gasto social no Brasil, a equipe principal do Ministério da Fazenda deveria analisar melhor a sua própria contribuição ao aumento da dívida social, sobretudo no que diz respeito ao aprofundamento da desigualdade da renda", afirma Marcio Pochmann.

### **Marcos Lisboa contesta pesquisa de Pochmann**

Marcos Lisboa, que deixa hoje a Secretaria de Política Econômica, criticou na semana passada o resultado da pesquisa apresentada por Marcio Pochmann e disse que o economista errou ao basear suas análises pelo Índice Geral de Preços Disponibilidade Interna (IGP-DI). A notícia foi publicada dia 12-5-05, no jornal **Folha de S. Paulo**. "Em 2002, o IGP-DI foi extremamente alto pela desvalorização do câmbio, o que distorce o resultado final. Se a intenção era corrigir a inflação, isso deveria ter sido feito mês a mês com outro índice, o IPCA [Índice de Preços ao Consumidor Amplo], que é o índice oficial de inflação", afirmou. Quanto aos 31% de aumento em gasto social divulgado pelo governo, Lisboa disse que a comparação nominal foi apenas uma "constatação". "Mas todo o estudo foi feito em termo de percentuais de gastos totais ou de percentuais do PIB [Produto Interno Bruto]. O resultado é muito mais próximo à realidade", disse. Segundo Lisboa, o crescimento real dos gastos sociais nos dois primeiros anos de governo Lula foi de 5,7% em relação aos dois últimos anos de Fernando Henrique. "Mas a prioridade do nosso estudo não era isso, era avaliar o impacto dos gastos sociais."

### **Trabalho escravo, vantagem comparativa?**

Quase um século e meio depois da Guerra de Secessão nos Estados Unidos e 117 anos depois da assinatura da Lei Áurea no Brasil, o combate ao trabalho forçado permanece como uma das prioridades da Organização Internacional do Trabalho (OIT). A boa novidade para os brasileiros é que seu país aparece como um bom exemplo, "merecedor de destaque", no relatório divulgado pela OIT em Genebra. Os dados são do artigo de Rolf Kuntz, jornalista, publicado no jornal **O Estado de S. Paulo**, 12-5-05. O cenário mundial é humilhante. Há pelo menos 12,3 milhões de pessoas sujeitas a trabalho forçado em todo o mundo, de acordo com o relatório. A exploração de homens, mulheres e crianças, vítimas de tráfico, gera um lucro anual estimado em US\$ 32 bilhões. Nenhuma região está livre dessa mancha: há 360 mil pessoas escravizadas no mundo industrializado, 660 mil na África Subsaariana, 9,5 milhões na região da Ásia-Pacífico, 1,3 milhão na América Latina e no Caribe, segundo o estudo. Quase metade do lucro, gerado pelo tráfico, é obtido no mundo rico: US\$ 15,5 bilhões.

### **China: 15 horas de trabalho por dia, 7 dias por semana**

Não está claro, no relatório, até que ponto a exploração do trabalho nas *sweatshops*, fábricas onde se trabalha até 15 horas por dia, 7 dias por semana, é levada em conta na avaliação do trabalho servil chinês. A questão não é simples, porque a superexploração do trabalho nas indústrias chinesas é em parte facilitado pela grande oferta de mão-de-obra. Dessa perspectiva, a baixa remuneração e as condições desfavoráveis são atribuíveis a uma característica do mercado, segundo Rolf Kuntz, no artigo acima citado. Mas o mercado é apenas parte da resposta. As leis trabalhistas chinesas têm pouca eficácia, o sindicalismo não é livre e as manifestações de protesto, quando não sufocadas no interior das empresas, acabam sendo, com frequência, punidas severamente pelas autoridades. O site da organização China Labour Watch, com sede nos Estados Unidos, apresenta dados interessantes levantados com meios próprios e também reportagens publicadas pela imprensa internacional. As informações mostram que há algo mais, no baixíssimo custo da mão-de-obra chinesa, do que a mera vantagem comparativa de um país com um grande exército industrial de reserva.

### **No RS, capataz mantinha trabalhadores paranaenses sob mira de rifle**

A promessa de trabalho, salário diário de R\$ 15, transporte, moradia e alimentação, se transformou num drama para 35 moradores de Wenceslau Braz, no Paraná, que aceitaram a oferta de agenciadores e acabaram colhendo alho, feijão e batata na condição de escravos numa fazenda de São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, a 900 quilômetros de suas casas. A notícia foi publicada pelo jornal **O Estado de S. Paulo**, 12-5-05. A exploração do grupo, que tinha sete menores de 18 anos, durou 40 dias e só foi descoberta na semana passada quando a Polícia Civil gaúcha recebeu uma denúncia dos trabalhadores. Eles estavam revoltados com as atitudes de um capataz que comandava a colheita com um rifle nas mãos e que havia espancado um adolescente incapacitado, pelo cansaço, de acompanhar o ritmo de colheita - jornadas de 14 horas diárias e sem descanso semanal. Os policiais foram à propriedade no distrito de Tainhas na noite de 4 de maio e encontraram os trabalhadores abrigados num galpão insalubre, sem banheiros e sem lugar para dormir. Também constataram que o sistema de débito descontaria do grupo até instrumentos usados na colheita, além de toalhas e sabonetes, todos vendidos a preços abusivos pelo armazém da fazenda. Diante de tantos descontos, pouco sobrava do salário. Os trabalhadores eram proibidos de sair da fazenda, inclusive para buscar atendimento médico. O capataz Reginaldo de Oliveira Batista foi preso no ato e seu irmão Fábio de Oliveira Batista é procurado pela polícia. O empresário Luiz Carlos Berti, arrendatário que cultivava os 30 hectares da fazenda, disse que não tinha

conhecimento das irregularidades, atribuindo a culpa aos capatazes, responsáveis pela contratação da mão-de-obra. Mas fez um acordo com o Ministério Público e com a Delegacia Regional do Trabalho. Para cumpri-lo, anotou os contratos nas carteiras de trabalho e pagou os salários e a viagem de volta a Wenceslau Braz, que foi feita em ônibus fretado, na segunda-feira passada.

### **Brasil é 3.º maior plantador de sementes transgênicas**

Em termos de área plantada com sementes transgênicas, a liderança no mundo é dos Estados Unidos, com participação de 59%. Em segundo lugar está a Argentina, com 20%. Canadá e Brasil aparecem na terceira posição com 6%. A lista faz parte de uma pesquisa divulgada semana passada pela Conferência da Organização das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad). A autora do estudo, Simonetta Zarrilli, acredita que o Brasil está rapidamente caminhando para se tornar o maior produtor de soja transgênica do mundo, o que leva a suspeitas de que já havia sementes modificadas no País antes da aprovação da lei, em 2003. Os chineses, que estão desenvolvendo novas tecnologias, já contam com 5% dessas sementes. A notícia foi publicada no jornal **O Estado de S. Paulo**, 12-5-05. Segundo a Unctad, a área plantada com sementes transgênicas foi multiplicada em 47 vezes desde 1996 e hoje chega a 81 milhões de hectares distribuídos em 17 países e envolvendo 8,2 milhões de agricultores. Essa produção movimenta US\$ 4,7 bilhões por ano, e mais de um terço dela está nos países em desenvolvimento. Em 2004, 54% das sementes modificadas eram de soja, 28% de algodão e 14% de milho.

### **A soja do Nordeste será mais competitiva que a transgênica do sul?**

Mas a ONU alerta os países em desenvolvimento, entre eles o Brasil, a não considerarem só as possibilidades de exportação de produtos agrícolas ao tomarem decisões sobre autorizar ou proibir o uso de sementes transgênicas. O estudo da Unctad admite que os países em desenvolvimento contam com uma estreita margem de manobra para definir sua estratégia sobre transgênicos. A Unctad reconhece que a nova tecnologia é um desafio a mais para os países emergentes, que precisam definir estratégias. O que é recomendado pela agência, porém, é que o debate em cada país não se limite às considerações de comércio exterior, mas que leve em consideração as necessidades de alimentar a população interna, os riscos para o meio ambiente, questões de saúde e outros fatores. O que ocorre atualmente é que muitos países tomam decisões de plantar ou não sementes transgênicas tendo em vista as suas oportunidades comerciais. No caso dos países mais dependentes do comércio com a Europa, a tendência tem sido a de se preservar livre de sementes transgênicas, pois os europeus apresentam resistências em importar produtos geneticamente modificados. No caso do Brasil, Simonetta informa que alguns compradores de óleo de soja do exterior, que querem evitar produtos transgênicos, estão optando pela produção da Região Nordeste do País, onde a presença da soja geneticamente modificada é bem menor do que no Sul e no Centro-Oeste.

### **Marcha nacional pela reforma agrária**

“A atual Marcha Nacional pela Reforma Agrária dos Trabalhadores Rurais sem Terra expressa o justo anseio e clamor de milhões de brasileiros”, escreve D. Luciano Mendes de Almeida, arcebispo de Mariana, MG e ex-presidente da CNBB no jornal **Folha de S. Paulo**, 14-5-05. Criticando o governo federal que não consegue cumprir as metas do Plano Nacional de Reforma Agrária, D. Luciano escreve: “A coluna de 10.000 marchantes partiu de Goiânia e, após 20 dias de caminhada e 300 km de percurso, aproxima-se de Brasília de modo ordeiro e pacífico. É grande a expectativa de que diante da justa reivindicação o governo cumpra, enfim,

a meta do Plano Nacional de Reforma Agrária de assentar 400 mil famílias até 2006. Passados dois anos, não se atingiu ainda o número de 80 mil famílias. O Projeto Nacional de Desenvolvimento precisa realizar o assentamento programado, que privilegia a agroindústria cooperativada, a geração de empregos, a distribuição de renda, a produção com qualidade de alimentos e o respeito ao ambiente”.

#### **Arcebispo de San Francisco é nomeado prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé**

O arcebispo de San Francisco, William Joseph Levada, foi nomeado prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Ele substitui Joseph Ratzinger neste cargo. Confirma-se, assim, a informação que fora antecipada pelo jornal italiano *La Repubblica* e reproduzida aqui nesta página. A notícia está publicada hoje, dia 14-5-05, nos jornais *La Repubblica* e *El País*. Segundo o jornal *La Repubblica*, o arcebispo de San Francisco, cidade símbolo da América do Norte libertária, tem fama de ser um conservador iluminado. Com ele entra num dicastério chave para a Igreja uma personalidade dos EUA, ou seja, daquela Igreja que muito sofreu nos anos passados por causa do escândalo dos padres pedófilos. Com a designação de Levada, segundo o mesmo jornal, o Papa renuncia a controlar mais diretamente o importante dicastério, coisa que teria continuado a fazer se tivesse nomeado o atual secretário, Ângelo Amato, ou o precedente, o arcebispo de Gênova, Tarcisio Bertone. O título da tese de doutorado de William J. Levada, defendida na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, em 1971 é “Infallible Church magisterium and the natural moral law”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## **Frases da semana**

#### **A sociedade brasileira foi para a direita**

*“O PT evoluiu e se transformou num partido exageradamente moderado. Não só o PT. A sociedade brasileira foi para a direita. O movimento sindical foi para a direita. Que fim levou aquela efervescência dos anos 80 que era marca entre os operários, os bancários, os funcionários públicos, as associações de moradores? Acabou. Acho que a moderação é exagerada”.* – **Vladimir Palmeira**, possível candidato a governador do PT no Rio de Janeiro – *NoMínimo*, 8-5-05.

#### **O Papa**

*“O Papa não é um soberano absoluto, cujo pensamento e vontade são leis”.* – **Bento XVI**, na homilia feita na Basílica de São João de Latrão, no sábado, dia 7-5-05 – *La Repubblica*, 8-5-05.

#### **Brasil, Argentina e Venezuela**

*“Queremos reindustrializar a Argentina e o Brasil é chave para nós. Mas antes nós precisamos saber se o Brasil está interessado nos compromissos que assumiu. O Mercosul, como está hoje, não adianta nada para nós”.* - **José Ignacio de Mendiguren**, ex-ministro da Produção da Argentina que hoje é vice-presidente da União Industrial Argentina – UIA - *O Estado de S. Paulo*, 10-5-05.

*“Brasil e Argentina dependem um do outro. Nossas divergências vão ficar em segundo plano em relação ao que vamos construir na América do Sul”.* – **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente do Brasil - *O Estado de S. Paulo*, 9-5-05.

*“A Venezuela é nossa Argentina do Norte, com potencial maior que os demais países da área. É um país que, por conta da dependência do petróleo, sempre esteve voltado para seu principal cliente, os Estados Unidos. Mas no começo dos anos 90, o país girou a política externa para o Sul, em direção ao Brasil, e essa aproximação mútua deu frutos”.* - **Luiz Felipe de Macedo Soares**, embaixador, subsecretário-geral da América do Sul no Itamaraty - **Jornal do Brasil**, 9-5-05.

#### **O governo Lula e os compromissos com o povo**

*“Até o momento, o presidente honrou todos os seus compromissos com as empresas, exportadores, banqueiros e com o FMI, tanto é que não precisou renovar o acordo. Agora, está faltando o governo começar a honrar os compromissos com o povo”.* – **João Pedro Stédile**, coordenador do MST - **O Estado de S. Paulo**, 11-5-05.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## EVENTOS IHU

### IHU Idéias

#### **FLORESTA COM ARAUCARIA; RIQUEZA FAUNÍSTICA E AMEAÇAS AO BIOMA**

Na última edição do evento IHU Idéias, realizada dia 12 de maio, o tema apresentado foi *Floresta com Araucária: riqueza faunística e ameaças ao bioma*, e esteve sob a responsabilidade do Prof. Dr. Emerson Monteiro Vieira, da Unidade de Ciências da Saúde da Unisinos e do Laboratório de Ecologia de Mamíferos da Universidade. **IHU On-Line** entrevistou o professor Emerson na edição 140ª, de 9 de maio de 2005. Não haverá mais programação do **IHU Idéias** em maio, em função da realização do **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, de 16 a 19 de maio próximos, e do feriado de Corpus Christi, dia 26 de maio.

#### **Ecossistema do evento**

“O tema discutido é muito importante, já que o bioma da mata de araucária tem uma grande relevância porque dentro da Mata Atlântica a floresta de araucária é uma das mais ameaçadas e conta com a maior variedade de espécies endêmicas. Foi uma palestra interessante, para que o público leigo também tivesse contato com a questão da diversidade, que é o objetivo do **IHU Idéias**”.

**Roger Borges da Silva, mestre em Biologia pela Unisinos.**

“Achei a palestra muito interessante. O tema é importante porque divulga o bioma da floresta de araucária, seus problemas, possíveis soluções e o que já está sendo feito nesse sentido. A iniciativa de promover palestras como essa e a da semana passada, sobre a crise da biodiversidade, com o professor Carlos Fonseca, são muito interessantes, pois divulgam os problemas ambientais. O que é imprescindível para que eles sejam solucionados é o conhecimento por parte da sociedade, que só poderá contribuir se souber o que está acontecendo. Por essa razão, mais palestras como essa deveriam ocorrer”.

*Juliana Pille Arnold, aluna do curso de Biologia da Unisinos.*

## Humanitas Arte

O projeto **Humanitas Arte**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, iniciou, na semana passada, sua primeira exposição de 2005, intitulada *Sobre a face da Terra*, da artista Cylene Dallegrave. A obra ficará exposta de 10 a 20 de maio, de segundas a sábados, das 8h às 22h, no Espaço Cultural do Instituto Humanitas Unisinos. A exposição está relacionada com a promoção do **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, que inicia hoje, dia 16 de maio, e estende-se até o dia 19 de maio.

A abertura da exposição aconteceu no último dia 10 de maio, seguida de um debate com a artista e o artista plástico Leandro Selister. Cylene Dallegrave apresenta uma obra interativa, que propõe a (re)construção da imagem do planeta Terra com pequenos magnetos do tipo “ímã de geladeira”. Como num quebra-cabeça, cada fragmento contribui para o surgimento da imagem, que revela, ainda, a sobreposição de um rosto humano, numa alusão ao olhar que o Planeta devolve aos seus habitantes.

A artista Cylene Dallegrave é formada em Jornalismo, pela PUCRS, e pós-graduada em Poéticas Visuais, com ênfase em Gravura, Fotografia e Imagem Digital, pela Feevale. Trabalha, desde 1993, com artes visuais, tendo freqüentado cursos de pintura, colagem, desenho, gravura, técnicas mistas e História da Arte. Em 1996, ingressou no Centro de Desenvolvimento da Expressão/RS, onde integrou o núcleo de xilogravura, técnica com a qual produz, anualmente, as ilustrações da campanha gráfica do Festival de Bonecos de Canela. Faz parte da oficina de Litografia do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre e é integrante da Diretoria Executiva do Núcleo de Gravura do Rio Grande do Sul. Participou de diversas exposições coletivas e foi selecionada para o XIV Salão da Câmara Municipal de Porto Alegre (2000), XIII Salão de Artes Plásticas de Praia Grande/SP (2001), 11º Salão Internacional de Minigravuras de Lódz, Polônia (2002) e 2º Salão de Artes Plásticas de Gravataí (2003). Em 2004, realizou as ilustrações do **Livro Vermelho da Fauna em Extinção do Rio Grande do Sul**, participou como artista convidada do Loft BR Turbo, em Porto Alegre, e recebeu o Prêmio Aquisição no XVI Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre.

Confira na 140ª edição do **IHU On-Line**, de 9 de maio de 2005, uma entrevista concedida pela artista.

## III Ciclo de Estudos sobre o Brasil

### REBELIÕES DA SENZALA: QUILOMBOS, INSURREIÇÕES, GUERRILHAS

A terceira edição do **Ciclo de Estudos sobre o Brasil** teve como atividade, no último dia 12 de maio, a apresentação do livro **Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas**, de Clóvis Moura, pelo Prof. Dr. Diorge Konrad, do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A mesma obra será apresentada pelo professor Diorge, na Livraria Cultura, em Porto Alegre, no próximo dia 2 de junho, na programação do **Quarta com Cultura Unisinos**. Diorge Konrad concedeu uma entrevista sobre o livro de Clóvis Moura ao **IHU On-Line** número 140, de 9 de maio de 2005.

### Ecoss do evento

“Considerarei o professor Diorge, entre todos os palestrantes do Ciclo até hoje, o que melhor abordou a obra a ser estudada em todas as características, principalmente com relação ao

autor Clóvis Moura. Ele falou sobre a trajetória política, militante, sociológica e antropológica de Clóvis Moura, abordando o autor como pessoa e como escritor. Diorge definiu suas características, nunca esquecendo do passado militante de Clóvis Moura no movimento negro”.

**Luciana Conceição Silveira, formanda em Ciências Sociais na Unisinos e coordenadora do Grupo ECAU.**

“O professor fez uma abordagem crítica, mostrando um domínio fantástico do assunto referente à obra de Clóvis Moura. A cada nova edição do Ciclo, vem se confirmando minha teoria de que estou investindo minha tarde de folga em um bom evento, no qual estamos tendo um momento importante de revisão. Vivemos uma época em que há um certo vazio em termos de novidades, e precisamos encontrar um rumo para a pesquisa, para o nosso pensar diário e profissional. Depois de um tempo de tantas descobertas, é importante que os nossos olhares se voltem para as obras clássicas brasileiras, para que possamos fazer uma avaliação do momento presente, possibilitando uma tomada de consciência que nos mostre até aonde chegamos e em que patamar estamos”.

**Doris Magalhães, primeira doutora em História formada pela Unisinos.**

## Encontros de ética

### PRESSA, DEPRESSA, DEPRESSÃO

O título acima foi o tema do evento **Encontros de ética** realizado no último dia 9 de maio, na Unisinos. A palestrante foi a psicóloga e psicanalista Simone Engbrecht, do Núcleo de Estudos Sigmund Freud (NESF), de Porto Alegre. Simone é autora do livro **Aprendendo a lidar com a depressão**. São Leopoldo: Sinodal, 2001. Publicamos uma entrevista com Simone na 139ª edição do **IHU On-Line**, de 2 de maio de 2005.

#### Ecos do evento

“O encontro foi muito produtivo, pois mostrou o quão complexa é a nossa estrutura, tanto pessoal quanto social. Proporcionou interatividade entre estes dois espaços, para que possamos escolher ideais possíveis num e noutro plano. É perceptível que são encontros que satisfazem aspirações transdisciplinares, de modo a possibilitar aos alunos a formação de seus elementos de felicidade e a percepção daquilo que não está no nível consciente, mas é revelado no conjunto de nossas atitudes. Também a questão do tempo de cada um é algo que merece atenção, principalmente nos dias atuais, em que a todos se impõem os mesmos lapsos temporais, desconectados da individualidade e da realidade vivida”.

**Clarissa da Silveira e Silva, mestranda em Direito na Unisinos.**

“Há tempos o IHU promove o **Encontros de Ética**, um interessante espaço de reflexão e discussão de assuntos atuais que permeiam todas as áreas de conhecimento. Depois da última palestra *Pressa, depressa, depressão*, percebi o quanto estes momentos são válidos para nós, como estudantes, e mais ainda como pessoas. Espero que a comunidade amplie sua participação e valorize, cada vez mais, essa iniciativa do Instituto Humanitas Unisinos”.

**Márcia Ribeiro Denicol, aluna do curso em Ciências Biológicas da Unisinos.**

“O evento **Encontros de Ética** oportuniza aos alunos da Unisinos e demais interessados uma reflexão e discussão sobre diversos temas de interesse social. A palestra da psicóloga Simone Engbrecht foi muito elucidativa, e conduzida de uma maneira acessível. Minha impressão geral sobre o evento foi positiva, e trouxe motivação e vontade de participar regularmente das palestras seguintes”.

**Daniele Fontoura Vaz, aluna do curso de Direito da Unisinos.**

“O encontro de ética *Pressa, depressa, depressão* propiciou uma discussão interessante, na medida em que contextualiza a depressão como um transtorno típico da contemporaneidade, não devendo ser visto como uma patologia isolada. Desse modo, sendo este um espaço de reflexão acerca da ética, acredito ser fundamental momentos como este, em que se possa discutir sobre a questão da subjetividade contemporânea”.

**Viviane Iara Heckler, aluna do curso de Psicologia da Unisinos.**

## HIV/AIDS

O evento Encontros de ética, em sua próxima edição, a ser realizada dia 23 de maio, terá como tema *HIV/AIDS: fragmentos de sua face oculta*. As responsáveis pela abordagem do assunto com o público serão as professoras Dr.<sup>a</sup> Petronila Libana Cechim e Dr.<sup>a</sup> Lucilda Selli, da Unisinos. O evento acontecerá das 17h30min às 19h, na sala 1G119, junto ao IHU. Libana é professora do curso de Enfermagem da Unisinos. É graduada em Enfermagem pela Unisinos e mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina, tendo sua dissertação o título *Vivenciando o Processo da Contracepção com Mulheres Trabalhadoras*. Atualmente, a professora desenvolve o projeto de pesquisa *HIV/AIDS: Medo, dor moral e saúde coletiva*. Libana é co-autora de **Manual de aleitamento materno**. São Leopoldo: Unisinos, 2000. A professora Lucilda Selli é autora do n.º 21 dos **Cadernos IHU Idéias**, sob o título *Construindo novos caminhos para a intervenção societária*. O artigo sintetiza a tese de doutorado da autora, cujo título é *Bioética, Solidariedade Crítica e Voluntariado Orgânico*. A professora é graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Unisinos, mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutora em Ciências da Saúde Bioética pela Universidade de Brasília. Atualmente, ela é professora e pesquisadora no PPG em Ciências da Saúde da Unisinos. A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucilda Selli foi a convidada que participou da primeira edição do evento **IHU Idéias**, promovido pelo IHU em 11 de abril de 2002.

## Cadernos IHU

### AGRICULTURA FAMILIAR E TRABALHO ASSALARIADO

“Os agricultores familiares com potencial e características típicas para optar pela migração, geralmente são detentores de pouca ou nenhuma terra própria; um grande número de filhos; residem e trabalham em áreas de difícil manejo; apresentam baixo grau de instrução; em síntese, as perspectivas são bem restritas no sentido de garantir seu ingresso numa agricultura interligada com o mercado. Usando a linguagem de Ralph Dahrendorf, trata-se de atores sociais sem o “bilhete de ingresso”. A constatação é da pesquisa realizada junto aos agricultores familiares do tipo social colono e caboclo do Médio Alto Uruguai que migraram para o Vale do Rio dos Sinos. A pesquisa é de Armando Triches Enderle que acaba de publicar, nos **Cadernos IHU**, no. 12, o texto **Agricultura familiar e trabalho assalariado. Estratégias de reprodução de agricultores familiares migrantes**. Os **Cadernos IHU** podem ser adquiridos na Livraria Cultural ou no endereço [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br). Todas as publicações do Instituto Humanitas estão disponíveis em [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

[\(Voltar ao índice\)](#)

## IHU REPÓRTER



### Cláudio Senna Venzke

*Na semana do **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, o IHU On-Line entrevistou o professor Cláudio Senna Venzke, integrante da equipe que criou o novo curso de graduação tecnológica em Gestão Ambiental da Unisinos. O professor participará do Simpósio, ministrando o minicurso Práticas ambientais em empresas brasileiras, na tarde de quinta-feira, dia 19 de maio, juntamente com o professor Gilberto Faggion<sup>32</sup>. Cláudio se considera comunicativo e diz ter facilidade nos relacionamentos, pois é uma pessoa flexível que expõe suas idéias e também aceita a idéia dos outros. Confira, a seguir, a história de vida do professor que tem como hobby a marcenaria.*

**Origens** – Nasci em Rio Grande e cresci em uma localidade chamada Vila da Quinta, no interior do município. Morei lá até os 22 anos. Tenho uma irmã mais velha, que é professora e mora em Pelotas. Na minha infância, tive muito contato com a natureza e, felizmente, cresci ao lado dos meus pais. Meu pai tinha uma marcenaria e fabricava móveis em uma oficina que ficava junto à nossa casa. Nós criávamos galinhas, suínos para consumo próprio e tínhamos uma típica vida de interior, com minha mãe cuidando da casa e dos filhos.

**Formação** – Cursei todo o ensino fundamental na Escola Estadual Lilia Neves, em Rio Grande. No ensino médio fiz um curso técnico de eletrônica na Escola Técnica Federal de Pelotas. Terminado o ensino médio, fiz vestibular para Engenharia Elétrica na UFRGS, mas vi que não era isso o que eu queria. Parei de estudar por cerca de 3 anos. Então, comecei o curso de Análise de Sistemas na PUCRS e percebi que as disciplinas de que eu mais gostava eram as de Administração. Foi quando decidi cursar Administração de Empresas na UFRGS. Comecei em 1994 e me formei em 1998. No último semestre do curso, fiz uma disciplina chamada Gestão Ambiental na Empresa. Fiquei muito motivado com o tema. Então, em 2000, ingressei no mestrado em Administração, com foco na área ambiental. A UFRGS tem o Núcleo de Inovação Tecnológica (NITEC) e nele existe um grupo de pesquisa que se chama Gestão Ambiental. Entrei nesse grupo e comecei a desenvolver o mestrado mais voltado ao *eco-design*, discutindo como uma empresa pode pensar na questão ambiental já no projeto do seu

produto. Foquei na área moveleira, resgatando minhas origens, porém pesquisando o pólo moveleiro do Estado, que é Bento Gonçalves. Concluí o mestrado em 2002.

**Profissão** – Trabalhei com meu pai, na marcenaria, até os 22 anos. Em 1989, vim para Porto Alegre, buscar um espaço no mercado de trabalho. Fiz um estágio de nove meses na Eletrosul, uma empresa de geração de energia elétrica. Depois, comecei a trabalhar na Itaotec, uma empresa na área de informática, onde fiquei durante 10 anos, passando pelas áreas de eletrônica, qualidade e treinamento. A idéia de passar conhecimento adiante, despertou-me para fazer o mestrado e dar uma guinada na vida, passando para o terreno da academia. Em 2002, fui contratado pela Unisinos para trabalhar a questão ambiental dentro da Administração. Hoje também sou professor no curso de Gestão para Inovação e Liderança, no qual coordeno o Programa de Aprendizagem que aborda a Compreensão do Mundo Contemporâneo.

**ISO 14001**<sup>33</sup> – Quando entrei na Unisinos, surgiu o projeto da certificação ambiental do câmpus, que culminou na obtenção da ISO 14001. Passei a integrar a equipe que operacionalizou a gestão ambiental da Unisinos. Foi uma experiência muito gratificante ter participado de um projeto tão importante.

**Graduação em Gestão Ambiental**<sup>34</sup> – Também me envolvi com a criação e montagem do novo curso de graduação tecnológica em Gestão Ambiental da Unisinos, que acaba de ser aprovado pelo Conselho Universitário e que terá seu primeiro vestibular na metade deste ano. É um curso que, assim como a área ambiental, foi feito de forma transdisciplinar, unindo conhecimentos da Geologia, da Administração, da Biologia, da Física, da Matemática, entre outros. Gerir o meio ambiente não é como gerir uma empresa; é algo muito maior. Por isso, precisamos do conhecimento de várias áreas. Ainda não foi definida a coordenação do curso. Eu aposto na idéia de ter dois ou três coordenadores, porque um curso transdisciplinar poderia ficar incompleto com apenas um coordenador, de uma só área. Mas, com certeza, a coordenação estará nas mãos de alguém com capacidade para colocar em prática o que nós imaginamos. Agora é a hora de fazer acontecer.

**Casamento e opção familiar** – Sou casado há 10 anos com a Rosângela, que é pediatra. Ela também é de Rio Grande, mas nós nos conhecemos em Porto Alegre, em uma festa de aniversário. Vejo como importante para as pessoas ter os referenciais da ética e do respeito que a família passa. Atualmente, a maioria das crianças são criadas pelas professoras da escolinha ou pelas babás. Nós não temos filhos e vejo como um dos grandes motivos para isso o fato de não termos tempo para ficar com eles, como eu tive para crescer ao lado dos meus pais. As pessoas não têm mais tempo de se dedicar aos filhos, o que vai afetar toda a formação deles.

**Autor** – Fritjof Capra, que sai de uma ciência rígida como a Física e consegue fazer uma inter-relação entre diversas áreas de conhecimento, criando uma nova ciência, mais ampla, capaz de explicar o mundo de forma mais completa.

---

<sup>33</sup> Em novembro de 2004, a Unisinos consagrou-se como a primeira universidade da América Latina a receber a certificação ISO 14001. Trata-se de uma certificação mundial, concedida a organizações comprometidas com o meio ambiente. O recebimento da ISO 14001 é um reconhecimento aos esforços do Verde Câmpus e de toda a Unisinos em preservar o meio ambiente e promover seu crescimento em harmonia com a natureza. (Nota do **IHU On-Line**)

<sup>34</sup> Mais informações sobre o novo curso em Gestão Ambiental da Unisinos podem ser obtidas no sítio [http://www.unisinos.br/graduacao\\_tecnologica/gestao\\_ambiental/](http://www.unisinos.br/graduacao_tecnologica/gestao_ambiental/) (Nota do **IHU On-Line**)

**Livro – As Conexões ocultas**, de Fritjof Capra.

**Filme** – Gosto muito dos filmes do Pedro Almodóvar, que nos fazem sair da linha, transmitindo-nos um impulso que nos desestabiliza e nos faz buscar o equilíbrio novamente. Almodóvar faz filmes que nos questionam sobre a vida, as relações, o mundo em que vivemos, tirando a máscara que o cinema americano coloca de um mundo perfeito ou idealizado. Almodóvar nos toca “na carne”.

**Um presente** – Um bom vinho.

**Nas horas livres** – A marcenaria se tornou um *hobby* para mim. Muitos móveis do meu apartamento fui eu mesmo que fiz. Trabalho também com barcos de madeira e peças de artesanato. Também gosto de aproveitar minhas horas vagas caminhando no parque, em contato com a natureza.

**Um sonho** – Espero que depois de minha passagem pelo mundo, ele se torne melhor. Minhas ações são direcionadas a isso e aqui na Unisinos tenho mais oportunidades nesse sentido, contribuindo para a formação das pessoas.

**Unisinos** – A Unisinos foi muito feliz na escolha do seu novo *slogan* **pra saber tem que viver**. Estar na Unisinos é viver. Certamente em outras universidades eu não teria tanto espaço para desenvolver projetos novos. Essa aposta no novo, na renovação, que a Unisinos faz é algo fundamental para manter o professor motivado, instigado a não se acomodar.

**Responsabilidade frente à sustentabilidade** - As universidades precisam assumir o compromisso com o meio ambiente. Este ano, inicia a década da educação para a sustentabilidade, promovida pela Unesco. A Unisinos é pró-ativa nessas atividades. Teremos a segunda edição do seminário sobre os desafios da universidade frente à sustentabilidade, em 30 de junho. A primeira edição foi na UFRGS.

**Instituto Humanitas Unisinos** – Seria ótimo se todas as universidades tivessem um Instituto Humanitas para promover a questão da humanidade em suas ações, como acontece aqui na Unisinos. A formação humanística é base para qualquer profissão. E o IHU é uma força promotora disso em toda a Universidade. Um exemplo é a promoção do **Simpósio Terra Habitável**, que debate um tema de tamanha importância. O IHU, por meio de suas publicações e atividades, consegue ensinar a ser, além do fazer. Sem o IHU, as pessoas pensariam em suas áreas isoladamente, sem o efeito sinérgico de unir os conhecimentos. Fiquei muito feliz quando vi o **IHU On-Line** impresso em papel reciclado; é quando o discurso começa a se transformar em ações.

[\(Voltar ao índice\)](#)

**EXPEDIENTE:**

*IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Diretora Adjunta: Profª Dr.ª Híliana Reis (hiliana@icaro.unisinos.br). Gerente Administrativo: Jacinto Schneider*



([jacintos@unisinis.br](mailto:jacintos@unisinis.br)). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó ([soniam@unisinis.br](mailto:soniam@unisinis.br)), Pedro Luiz S. Osório ([posorio@bage.unisinis.br](mailto:posorio@bage.unisinis.br)) Mtb 4579, e Graziela Wolfart ([grazielaw@unisinis.br](mailto:grazielaw@unisinis.br)). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre ([mardile@unisinis.br](mailto:mardile@unisinis.br)). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2<sup>as</sup> feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio [www.unisinis.br/ihu](http://www.unisinis.br/ihu). Sua versão impressa circula na Unisinis terças-feiras pela manhã, a partir das 8h. Endereço: Av. Unisinis, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuonline@unisinis.br](mailto:ihuonline@unisinis.br). Fone: 51 591.1122 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: [humanitas@unisinis.br](mailto:humanitas@unisinis.br). Ramais: 1173 e 1195.